RelevO

mar/2020, n. 8, a. 10 • Periódico literário
independente feito em Curitiba-PR
desde set/2010 • ISSN 2525-2704

instagram.com
facebook.com
twitter.com
medium.com

/JORNALRELEVO.COM

Assine/Anuncie: O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos.
O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique ou pelo contato@jornalrelevo.com.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura.
Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações desta edição são de autoria de Gustavot Diaz. A capa é intitulada "Ouroborus", de 2019 | carvão e pastel sobre MI-Teintes (50x65cm). A contracapa é intitulada "Escárnio", 2019 | carvão e pastel sobre lixa usada de construção (11x11cm). Você pode conferir mais do trabalho dele em <gustavotdiaz.com>.

Março/2020

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Morgana Rech
Revisão: Ramiro Canetta
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Logística: Thaís Alessandra Tavares
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 6.000

Edição finalizada em 29/02/2020

Disso de dinheiro

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:
R$ 120 Fernando Cândido Ribeiro; Neurivan Sousa; R$ 100 Nathan Magalhães; Fábio Maia Vani; Felipe Harmata; Elizandra Cubas; Monica Silva; Matheus Chequim; Paula Zarth Padilha; Luiz Witiuk R$ 90 Anderson Rodrigo Da Silva; R$ 80 Eduard Traste; R$ 75 Lenita Estrela de Sá; Aline T. K. Miguel; Marcelo Giovanni Nogueira; Guilherme Ganem; R$ 60 Maria Barbieri; Rafael Azevedo Silva; Fabio Rrocha; Helena Carnieri; Celestino Dimas; Guilherme Goto; Pri Serbonchini; Lilian Velleda; Kharoline Lima Dallagnol; Henrique Santos; Munique Alvim Duarte; Jorge de Sousa; Romy Schinzare; Yvonne Dimanche; Lázara Papandrea; Guilherme Bucco; Guylherme Custódio; Roseana Murray; R$ 55 Bruna Alves; R$ 50 Kleverson Mariano; Milena Maria; Paulo Parucker; Amanda Salvador; Edson Gallo; Ana Lúcia Vasconcelos; Rubervam Du Nascimento; Murilo Lemes; Rogério Torreão; Letícia Fernandes Leal; Isabela Lima dos Santos; Henrique Jr.; Lucas Leite; Jim Duran; Raimundo Alves Barbosa; Bruno Soares Freire de Carvalho; Johan Heyss; Maria Renata; Cassia Rosa dos Santos; Andressa Vieira Santos; Rafael Estorilio; Pedro Araujo; Sandra Nodari; Simone Nunes; Eduardo Mahon; Lua Nogueira; Alexandre Schumacher Triches; Sandra Abrano; Jorge Bandeira Fábio Maia Vani; Douglas Lemos Milani; Ane da Silva; Miguel Manasses; Victor Augustus Graciotto Silva; Isadora Nardes; Andriele Tinoco; Bianca Coelho; R$ 47 Marina El Tayar; R$ 30 Elizabete Berberi **TOTAL: R$ 4.572**

ANUNCIANTES:
R$ 400; Editora Penalux; 150 Whisner Fraga; Editora Ipê Amarelo; R$ 100 Livraria Pontes; Flávio Sanso; R$ 50 Livraria Joaquim; Kikos Bar; R$ 30 Sebo Edipoeira; O Alienígena **TOTAL: R$ 1060**

(-) CUSTOS FIXOS
Gráfica: R$ 1.400
Escritório: R$ 310
Entregadora: R$ 50
Capista: R$ 60
Embaladora: R$ 50
Editor-assistente: R$ 100
Mídias sociais: R$ 380
Diagramação: R$ 100
Infografia: R$ 70

(-) DESPESAS VARIÁVEIS
Transporte: R$ 500
Embalagem: R$ 80
Correios: R$ 2350
Celular: R$ 200

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS
Domínio mensal: R$ 25

(+) Entradas totais: **R$ 5.632**
(-) Saídas totais: **R$ 5.675**

(=) Resultado operacional: - R$43

Conselho Editorial

Alexandre Guarnieri
Ben-Hur Demeneck
Bruno Meirinho
Carla Dias
Celso Martini
Cezar Tridapalli
Enilda Pacheco
Felipe Harmata
Gisele Barão
Jacqueline Carteri
Osny Tavares
Whisner Fraga

ERRATA 1: Na edição de fevereiro, o poema "Hereditariedade", da página 8, em mais uma prova nossa de pós-modernismo involuntário, saiu sem o nome da autora: Mariana Cardoso. O poema está republicado na presente edição, com os devidos créditos.

ERRATA 2: Ainda na última edição, erramos a diagramação da página 11, nos poemas de Mariana Godoy. Juntamos o segundo e o terceiro poema, ocasionado o fenômeno da maçaroca.

ERRATA 3: Nossas escolhas na vida.

Dos leitores

PERDÃO
Mariana Cardoso No dia em que eu me chatear por um poema meu sair num dos jornais literários mais arrojados deste reino Brasil, com a promessa do editor de ser reimpresso no próximo mês, atraindo algum olhar a versinhos que viviam jogados às traças e kilobytes, só porque foi acidentalmente sem meu nome — aí eu espero que uma amizade sincera me largue um tapa. Tô vivendo uma fase, longa já, de desânimo e apatia. Isso como aspirante a escritora e também como gente em geral. Sair da gaveta virtual significa muito pra mim, ainda mais se for com o **RelevO**. É me desvencilhar aos poucos do colo do recolhimento, é reaprender a ser e estar com vigor. Um passo de cada vez. Sei que em alguma medida tá todo mundo assim, reunindo a energia de uma usina nuclear pra conseguir sair da cama. E banhar o corpo. E pentear os cabelos. E expor sua figura na medina. Sem contar que o mistério é sempre bendito, tô mentindo? Imagina. Quero críticos se debatendo pra analisar voz, estilo, eu-lírico, os etcéteras todos, investigadores escarafunchando vidas de autoras que eu poderia ser, mas não sou, retratos, fofocas, especulações, jesus amado, é assim que Elena Ferrante se sente? Será que não rende um noir tropical? Hahahahaha, brincadeira. Me basta que um leitor se sinta acolhido com o que foi escrito. Aquele clichê bem surrado: se o poema carrega alguma universalidade, tá pronto, todo e qualquer cabra é dono dele. Ontem, por exemplo, eu fui dona do filme eleito como o melhor do ano. Porque ele contou a história dos porões, e essa história é minha também. Possuo tudo o que fala comigo. É assim que tem que ser. Não há por que se desculparem. Eu é que agradeço mais uma vez.
Alex Santos De quem é o poema da página 8? Por que está sem autoria?
Da redação: vamos apenas de resposta 2 => porque fomos incompetentes.

Mayara Blasi Oi, tudo bem? Acabei de receber minha edição de fevereiro e queria saber de quem é esse poema ó, da página 8.

Henrique Fendrich A autora do belo texto "Hereditariedade" atende por algum nome ou esse é mais um dos fracassos que ela elenca?
Da redação: o fracasso é onde ela publica.

POR AÍ

Ricardo Mituti Jr. Prezados, recebi o exemplar de cortesia. Primeiramente, muito obrigado! Em segundo lugar, gostaria de cumprimentá-los. Sobretudo pela resiliência, de manter um jornal e de literatura em tempos tão adversos — e, aqui, escreve um jornalista e escritor a cada dia mais desesperançoso — e quebrado — com o futuro sombrio de ambas as carreiras. E é só mesmo por muito amor à causa e crença no poder transformador da Literatura que seguimos por essas tortuosas trilhas, penso eu. Mas, se me permitem, enquanto for possível, sigam em frente! Resistir é preciso. A literatura cura as doenças da alma e nos faz mais humanos. Acredito plenamente nisso! Força! Um dia essa maré há de virar! Mantenham-se vivos, se possível. E sucesso sempre! Caso precisem de algo com o qual eu possa contribuir, só chamar. Abraços.

Jorge Barbosa Filho Olá, pessoal! Admiro a qualidade editorial, de textos e design do **RelevO**. Vida longa a todos os que compõe a publicação.

Cacau Nogueira Eu conheci hoje, tô amando. Vou começar a acompanhar mais. Parabéns pelo trabalho, super importante ter um conteúdo assim, e apoiar trabalhos independentes é realmente necessário.

Bianca Coelho Fico feliz com a assinatura. O jornal tem um conteúdo excelente, com uma densidade salpicada e um fundo (às vezes, bem no raso) humor ácido. Parabéns, pessoal. Até me causou uma coisa boa/ruim da frustração que cultivo de não ser jornalista.

Julia Trovó Olá, muito bom dia. Recebi a edição de brinde esses dias. Parabéns pelo trabalho e obrigada! Há tempos que não pegava no papel e não sentia cheiro do jornal. É um renascer pra literatura.

A PARTE QUE NOS FALTA

Thaís Velloso Bom dia. Tudo bem? Já li o jornal e gostei da proposta de vocês. No entanto, gostaria de ler mais sobre o mercado editorial, os lançamentos, os editais, as críticas literárias e até entrevistas com autores, sabe? Eu sou escritora, mas ainda não vivo 100% dessa profissão. Então, estar por dentro do mercado, para mim, é essencial nesse momento. Sendo assim, agradeço de todo o coração o envio de vocês e desejo muito sucesso e muitos assinantes.

Daniella Reis Boa tarde! O jornal chegou. No momento, não tenho interesse em assiná-lo. Gostaria de algo mais relacionado à crítica literária, com comentários sobre obras... Espero que vocês compreendam. Muito obrigada pela edição de cortesia e parabéns pelo periódico.

HOJE EU TÔ DE BOBEIRA

Gabriela Lupianhas Achei o jornal muito legal, mas os assuntos não são muito do tipo que eu curta tanto. Achei uma doideira massa, mas dessas pra ler quando eu tô de bobeira.

Aline TKM Essa semana chegou aqui em casa a edição de fevereiro do **RelevO**. Ótimos textos (gostei especialmente dos poemas dessa edição). Para quem não conhece, é um jornal literário mensal que traz uma notável seleção de textos de autores independentes. Um trabalho incrível, que vem sendo publicado desde 2010 em Curitiba (e para o mundo).

Marcelo Scrideli Excelente jornal literário! Quem produz esse tipo de material no Brasil pode ser considerado herói da resistência.

Fabio Gardenal Inácio Renovei minha assinatura e recomendo para aqueles que apreciam o jornalismo literário. Ele traz publicações autorais, além de matérias interessantes sobre o mundo literário e notícias em geral. A assinatura é bem em conta e por essa pequena ajuda você recebe mensalmente o exemplar. Eu recomendo.
Ane da Silva Esse jornal é maravilhoso, ganhei um exemplar e já fui correndo assinar pra não perder mais nenhuma edição.

CLASSIFICADOS

Leonardo Schenato Barroso Boa noite. Gostaria de tirar algumas umas dúvidas a respeito da capa desta edição: com base na proposta nova do periódico, posso entender esse recurso gráfico acima da primeira letra "E" de onde está escrito "RELEVO" como um acento agudo e entender a palavra "Ré" como uma referência à marcha à ré, já trazendo à tona toda essa identidade nova do veículo (neste caso, o veículo de comunicação)? Neste mesmo sentido, seria válido interpretar o nome "Ré levo" como uma referência à expressão verbal "levar ré"? Fico no aguardo. Um forte abraço. Bom trabalho (enquanto eles dormem).
Da redação: Observando os balanços financeiros de janeiro e fevereiro, não há como negar o que a semiótica eviscera.

Kharoline Dallagnol O porteiro viu a capa do jornal e falou que não sabia que existia a tal tecnologia do carro a base de hortaliça. Deixei ele achando que existe porque até explicar…

Fernanda Dante O autor da capa de verdade de fevereiro poderia facilmente trabalhar em uma empresa de raio-x, numa incrível Revolução Industrial invertida, na qual o homem substitui o maquinário…

André Cassias Elvis the **RelevO**.

Gustavo Bnvn Particularmente, acho que não há nada mais bonito que um bom carro tunado…

Rafael Gayer Ehlke Jornal virou *Quatro Rodas* agora.

Diego Franco Gonçales E, agora, o jornal mudou para algo completamente diferente.

Filipe Lima Brito Que coisa maravilhosa!

João Jasco Me parece que mudaram o perfil do jornal…

Getulio Xavier RelevO de IPVA quitado.

Leonardo Bonassoli As formigas que se abaixem!
Jáder Muniz Mudou a linha editorial?
Da redação: Sim… Agora estamos alinhados com a indústria do automotor!

Henrique Jr. Quase confundi o jornal com um informativo qualquer no meio da correspondência e o atirei no lixo. Quase. Vocês são loucos!

Diana Joucovski Vocês são doidos.

André Balbo Respeitei a referência a Huntelaar, a eterna promessa.

Mateus SENNA Taxas a partir de 1,99% ao mês.

Maria Artese Gente, tô entendendo nada.

Teresa da Silva Prezada equipe do **RelevO**. Desfilando na Acadêmicos da Leitura Atrasada no Carnaval, li os artigos de Donny Correia sobre arte. Gostei muito deles e das referências indicadas. O artigo de Luiz Guilherme Libório, comparando João Cabral de Melo Neto e Gaston Bachelard, também estava excelente. Saiu em setembro, mas veio a calhar com o centenário de João Cabral. Abraços!

MAIS UM DIA NORMAL NO MEIO LITERÁRIO

V. S. K. Watanabe Boa noite. Recebi meu exemplar hoje! Ficou ótimo, muito obrigada pela oferta de continuar recebendo, mas não tenho o hábito de ler jornal. Mas obrigada mesmo assim!

Marcelo G J Feres Caros, agradeço a oferta de envio do jornal, mas não possuo tempo disponível para novas leituras.

Onde posso encontrar um Jornal RelevO para esboçar um sorriso enquanto leio?

ACRE

Rio Branco Livraria N&S / Livraria Paim / Estante do Livro

ALAGOAS

Maceió Casa de Cultura Luso-Brasileira

AMAPÁ

Macapá Livraria Diniz

AMAZONAS

Manaus
- Kalena Café
- O Alienigena Acervo e Espaço Cultural / Sebo Edipoeira

BAHIA

Salvador
- Boto-Cor-de-Rosa / Midialouca / Livraria LDM (Brotas, Glauber Rocha e Shopping Paseo Itaigara) / Leitura Vale do Aço

Jacobina
- SerTão Livraria & Café

Juazeiro
- Papelaria e Livraria Officium

Ilhéus
- Badauê

Lauro de Freitas
- Livraria Dom Casmurro

Porto Seguro
- O Livreiro de Porto Seguro

Vitória da Conquista
- Livraria LDM / Criativa

CEARÁ

Fortaleza
- Livraria Lamarca / Sebo Ellenia / Livraria Arte & Ciência / Livraria Siará

Juazeiro do Norte
- Sebo Solaris

DISTRITO FEDERAL

Brasília
- Banca da Conceição / Livraria, Café e Bistrô Sebinho / Centro de Vivência
- Ernesto Cafés Especiais / Rapport Cafés Especiais e Bistrô / Quantocafé / Martinica Café / Vicalli
- Caixa Cultural / ONG Moradia e Cidadania / Instituto LGBT / Espaço f/508

Ceilândia
- Jovem de Expressão

ESPÍRITO SANTO

Vitória
- Torre de Papel / Multilivros Livraria & Papelaria

Dores do Rio Preto
- A Cafeteria

Guarapari
- Banca da Lua

São Mateus
- Livraria Sebo & Arte

GOIÁS

Goiânia
- Evoé Café Com Livros / Livraria Palavrear / Livraria Leodegária
- Café Carino / Ateliê Pizza Café Arte

Anápolis
- Café S/A

MARANHÃO

- **São Luís** Livraria Poeme-se / Sebo Arteiro / Sebo Papiro / Livraria Moderna / Livraria Tempo de Ler

MATO GROSSO

Cuiabá
- Bazar do Livro Matriz / Sebo Rua Antiga / O Chapeleiro Café Sebo / Sebo Raro Ruido
- Metade Cheio / Tchá por Discos

Araputanga
- Espaço Gaveta

MATO GROSSO DO SUL

Campo Grande
- Livraria Le Parole / Livraria Oceano / Maciel

Dourados
- Companhia dos Livros / Canto das Letras

MINAS GERAIS

Belo Horizonte
- Armazém do Livro / Dona Clara / Livraria da Rua / Sebo Ubuntu / Editora UFMG / Quixote / Livraria do Belas
- Café do Palácio / Café 104
- Espaço Guaja

Itajubá
- Lume Livraria / Sebo Bis

Juiz de Fora
- Livraria Contraponto

Montes Claros
- Conversos Café, Bar e Livraria

Passa Quatro
- Cava Livro

Poços de Caldas
- Travessa Cultural

Ponte Nova
- Banca Palmeiras

Pouso Alegre
- Sebo São Darwin

Tiradentes
- Livraria Café Itatiaia

Uberlândia
- SBS Livraria Internacional
- Samsara

PARÁ

Belém
- Fox Livraria, Café, Papelaria e Locadora de Vídeos / Sebo do Gueto / Livraria e Editora da UFPA

Santarém
- BPP Sebo & Locadora

PARAÍBA

João Pessoa
- A Budega Arte Café / Livraria do Luiz
- Viveiro Pirata / Quintal Armorial / Centro Cultural Espaço Mundo / Usina Cultural Energisa / Centro Cultural Ariano Suassuna

Cajazeiras
- Livraria Universitária CZ

Campina Grande
- Livraria Campinense

PARANÁ

Curitiba
- Agendarte Livros / Sebo Releituras / Itiban Comic Shop / Joaquim Livros & Discos / Livraria Arte & Letra / Livraria do Chaim / Sebo Arcádia / Sebo Santos / Livraria Vertov
- Supernova Coffee Roasters / Rause Café / Café Mitre / Café Lisboa / Café do Viajante / Chelsea Café / Café do MON / Magnólia Café / Panificadora Quintessência / Provence Boulangerie / Botanique Café Bar Plantas / Café Avenida / Café Tiramisu / Café do Mercado / Café do Teatro / Kaveh Kanes / Fingen Café / Moto Racer Café / TS Café & Livraria
- O Torto Bar / Tuboteca / Freguesia do Livro / Centro Europeu / Baba Salim / Kikos Bar / Biblioteca do Paço / Biblioteca Pública do Paraná / Selvática Ações Artísticas / SESC da Esquina / Paço da Liberdade

Apucarana
- SESC Apucarana

Araucária
- Banca da Aracy
- Duetto Café
- Casa Eliseu Voronkoff / Porão do Cavalo Baio

Caiobá
- SESC Caiobá

Campo Largo
- Barba Camisetas / Inspirarte

Cornélio Procópio
- SESC Cornélio Procópio

Foz do Iguaçu
- SESC Foz do Iguaçu

Francisco Beltrão
- SESC Francisco Beltrão

Guarapuava
- Gato Preto Discos e Livros / A Página Livraria
- SESC Guarapuava

Ivaiporã
- SESC Ivaiporã

Jacarezinho
- SESC Jacarezinho

Lapa
- Livraria & Papelaria Nanise
- Panificadora Zeni

Londrina
- Livraria da Silvia / Nosso Sebo / EDUEL
- SESC Londrina (Cadeião e Centro)

Maringá
- Café Literário

Medianeira
- SESC Medianeira

Morretes
- Café e Restaurante

Pato Branco
- Alexandria Livraria e Cafeteria
- SESC Pato Branco

Ponta Grossa
- Verbo Livraria / Sebo Espaço Cultural I e II
- Hostel Paraná / Phono Pub / Frederico Cervejas & Cervejas

São José dos Pinhais
- Sebo da Visconde

São Mateus do Sul
- Vitors & Cia

Toledo
- Livraria Baluarte

Umuarama
- SESC Umuarama

PERNAMBUCO

Recife
- Livraria Praça de Casa Forte / Livraria Idéia Fixa / Varejão do Estudante / Banca Guararapes
- Clandestino Café / Borsoi Café Clube - PINA / Borsoi Café Clube - CALIFÓRNIA /A Vida É Bela Café / Malakoff Café / Brigadeiro Café

Caruaru
- Banca Terceiro Mundo

Garanhuns
- Livraria Casa Café

Olinda
- Sebo Casa Azul / Banca Circular

Salgueiro
- Capabella Sebo

PIAUÍ

- **Teresina** Café da Gota Serena / Café Art Bar / Entrelivros

RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro
- Belle Époque Discos e Livros / Livraria Leonardo da Vinci / Blooks Livraria / Livraria Argumento Leblon / Livraria Argumento Rio Design Barra / Livraria Beco das Letras / Arlequim / Letra Viva Filial / Livraria Berinjela / Livraria e Edições Folha Seca / Banca do André / Livraria da Editora UFRJ / Banca dos Advogados
- Café Pingado
- Espaço Saracura / Cine Jóia / Casa Contexto

Araruama
- Livraria Castro Alves

Cabo Frio
- Sebo do Lanati / O Sebo Antigo

Mesquita
- Sebolinha Livros e Revistas

Nova Friburgo
- Sabor de Leitura / Arabesco Livraria e Papelaria

Nova Iguaçu
- Degani Livraria, Donuts e Café

Paraty
- Livraria de Paraty
- Teatro Espaço / Casa da Cultura de Paraty

Petrópolis
- Livraria e Bistrô de Itaipava
- Sant'Anna

Seropédica
- Canto Geral Livros e Discos

Três Rios
- Livraria Favorita

RIO GRANDE DO NORTE

Natal
- Sebo Café / Cooperativa Cultural Univ. do RN

Mossoró
- Resebo

Praia da Pipa
- Book Shop

RIO GRANDE DO SUL

Porto Alegre
- Cirkula / Livraria Bamboletras / Livraria Baleia / Livraria Raízes / Livraria Taverna / Traça Livraria
- Café Cartum / Bouquiniste Café & Livros
- Galeria Hipotética

Bento Gonçalves
- Dom Quixote Livraria & Cafeteria / Paparazzi

Canela
- Empório Canela

Caxias do Sul
- Do Arco da Velha Livraria & Café
- Dulce Amore Café & Algo Mais

Frederico Westphallen
- Vitrola

Lajeado
- Livraria do Vale

Pelotas
- Livraria Vanguarda

Santa Maria
- Athena Livraria (Floriano e Praça Nova) / Anaterra Livros / CESMA

São Francisco de Paula
- Miragem Livraria

Venâncio Aires
- Castelo Livraria & Café

RONDÔNIA

- **Porto Velho** Magda Livros / Livraria Central / NovaLetra Livros, Testes & Cursos

RORAIMA

- **Boa Vista** Lápis na Mão

SANTA CATARINA

Florianópolis
- Letraria / Livraria Livros & Livros
- Café Cultura Lagoa da Conceição / Café Cultura Primavera / Café Cultura Shopping Iguatemi / Café Cultura Multi Open Shopping / Café Cultura Aeroporto Hercílio Luz
- Tralharia

Balneário Camboriú
- Santo Livro Livraria e Bookstore
- Café Cultura Balneário Shopping

Blumenau
- Livraria Blulivro

Brusque
- Livraria Saber

Caçador
- Livraria Selva

Chapecó
- Humana Sebo & Livraria

Criciúma
- Café Cultura Nações Shopping / Café Cultura Metropolitan Business Center
- Livraria Fátima

Joinville
- Salvador Vegan Café, Livros e Discos
- Casa 97

Mafra
- Restaurante Amora Sustentável

Morro da Fumaça
- Livraria Beco Diagonal

Porto União
- Livraria do Porto

São Bento do Sul
- Dom Quixote Livros

São José
- Sebo Ilha das Letras
- Café Cultura Continente Shopping

Tubarão
- Libretto Livraria
- Café Cultura Farol Shopping

SÃO PAULO

São Paulo
- Comix Book Shop / Catavento / Intermeios Casa de Arte e Livros / Livraria Zaccara / UGRA PRESS / Blooks Livraria / Banca Curva / Desculpe A Poeira / Patuscada Bar / Livraria NoveSete / Banca Tatui / Livraria Roteiro / Livraria Simples / EDUSP / UNESP / Espaço Itaú Augusta / Livraria Mandarina / Casa Plana / Flanarte Livraria / Livraria da Tarde
- A Casa Tombada / Casa Guilherme de Almeida / Teatro do Centro da Terra / Matilha Cultural / Estúdio Lâmina / Tapera Taperá / Casa do Povo / Casa das Rosas / Instituto Moreira Salles / Escrevedeira / Literário Café & Coworking

Araçatuba
- Sebo Dom Quixote

Araraquara
- Casa da Cultura / Palacete das Rosas
- Livraria Murad

Bauru
- Sebo Clepsidra

Botucatu
- Sebo Alfarrábio

Campinas
- Livraria Pontes / Sebo Porão / Livraria Iluminações / Contracultura
- TORTA – Espaço para um Dedo de Prosa

Campos do Jordão
- Livraria Jaguaribe

Franca
- Sebo Almanaque
- Confraria Cult / IPRA

Guarulhos
- Livraria Guarulivros

Itatiba
- Livraria Toque e Letras

Mogi Mirim
- Banca do Sardinha

Piracicaba
- Sebo do Formiga

Presidente Prudente
- Papelaria e Livraria Imperial

Ribeirão Preto
- Livraria Travessa Ribeirão

Rio Claro
- A Casinha

Santo André
- Livraria Pacobello / Alexandria
- Gambalaia Espaço de Artes e Convivência

Santos
- Realejo Livros

São Carlos
- EDUFSCAR

Taboão da Serra
- CF Bazar

Taubaté
- Sebo Estação Cultural

Vinhedo
- Sebo Vinhedo

SERGIPE

- **Aracaju** Livraria Escariz / Feira Castelo Branco

TOCANTINS

- **Palmas** Livraria Nacional

Legenda

- Livrarias, bancas e sebos
- Cafeterias e panificadoras
- Espaços culturais

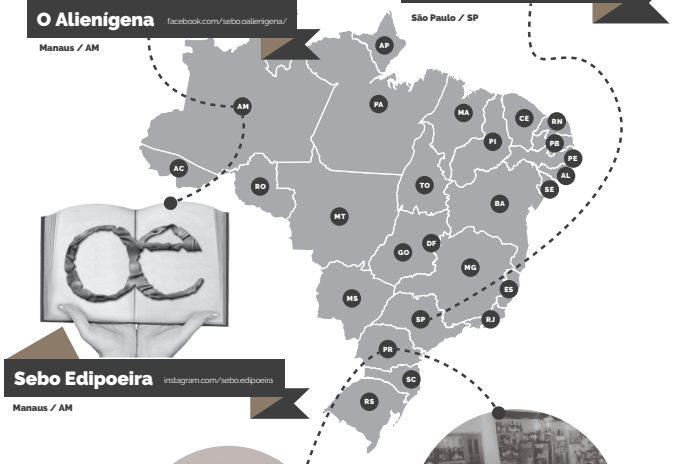
Locais RelevAntes

Quer aparecer aqui?

Entre em contato!
contato@jornalrelevo.com

Banca Tatuí www.bancatatui.com.br
Desenho por Angela Leão
São Paulo / SP

O Alienígena facebook.com/sebo.oalienigena/
Manaus / AM



Sebo Edipoeira instagram.com/sebo.edipoeira
Manaus / AM

Gato Preto facebook.com/gatopretodiscos/
Guarapuava / PR

Kikos Bar bit.ly/kikosbar
Curitiba / PR

Nosso jornal nas bibliotecas comunitárias do Brasil

Pará	
Belém	Espaço Cultural Nossa Biblioteca Biblioteca Comunitária Carolina Maria De Jesus Biblioteca Comunitária Rios De Letras Espaço Comunitário Literário Livro Encantado BomBomLer
Ananindeua	Biblioteca Comunitária Moara
Maranhão	
São Luis	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Prazer em Ler Biblioteca Comunitária Arco Iris do Saber Biblioteca Comunitária Semente Literária Biblioteca Comunitária Mundo do Saber Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria Biblioteca Comunitária Josué Montello Biblioteca Comunitária Wilson Marques Biblioteca Comunitária Caminho do Conhecimento Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo Biblioteca Comunitária da Residência 05 Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitaria O Fantástico Mundo Da Leitura Biblioteca Comunitária Viajando pela Alegria do Saber Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária Cora Coralina
Ceará	
Fortaleza	Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança Biblioteca Comunitária Criança Feliz Biblioteca Comunitária Jardim Literário Biblioteca Comunitária CL Professor Leônidas Magalhães Biblioteca Comunitária Familias Reunidas Biblioteca Comunitária Mundo Jovem Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias Biblioteca Comunitária Casa Camboa de Sabiaguaba Biblioteca Comunitária Plebeu - Gabinete de Leitura Biblioteca Livre Curió
S. G. do Amarante	Biblioteca Comunitária Literateca
Pernambuco	
Recife	Biblioteca Popular do Coque Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura Biblioteca Comunitária Educ Guri Biblioteca do Cepoma
Jaboatão dos Guararapes	Biblioteca Comunitária do Peró
Olinda	Biblioteca Multicultural Nascedouro Biblioteca Comunitária Lar Meimei
Bahia	
Salvador	Biblioteca Comunitária Clementina de Jesus Biblioteca Comunitária do Calabar Biblioteca Comunitária Condor Literário Biblioteca Comunitária de Ítalo Biblioteca Comunitária Novo Amanhecer Biblioteca Comunitária Padre Alfonso Pacciani Biblioteca Comunitária Padre Luís Campinotti Biblioteca Parque São Bartolomeu Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Sandra Martini Biblioteca Comunitária São José de Calazans Biblioteca Comunitária Sete de Abril Biblioteca Comunitária Tia Jana Biblioteca e Infocentro Maria Rita Almeida de Andrade
Minas Gerais	
Belo Horizonte	Biblioteca Comunitária Livro Aberto
Betim	Biblioteca Comunitária Professor Arlindo Correa da Silva Biblioteca Comunitária Cantinho dos Sonhos Biblioteca Comunitária Salão do Encontro
Sta. Luzia	Biblioteca Comunitária Corrente do Bem
Sabará	Borrachalioteca
Rio de Janeiro	
Rio de Janeiro	Biblioteca Comunitária Wagner Vinicio Biblioteca Comunitária do Cerro Corá Biblioteca Comunitária Palavras Compartilhadas Biblioteca Comunitária Atelier das Palavras Biblioteca Comunitária Carolina Maria de Jesus Biblioteca Comunitária Jurema Gomes Baptista Biblioteca Comunitária Eias José Biblioteca Comunitária Walter de Araújo
Duque de Caxias	Biblioteca Comunitária Josimar Coelho da Silva Biblioteca Comunitária MANNS Espaço Literário Balaio de Leitura Varanda Literária Maria de Lourdes Miranda Biblioteca Comunitária Vila Aracy
Nova Iguaçu	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Thalita Rebouças Biblioteca Comunitária Olhar Cultural Biblioteca Comunitária Prof Judith Lacaz Biblioteca Comunitária Mágica Biblioteca Comunitária Ziraldo Biblioteca Comunitária Zuenir Ventura Biblioteca Comunitária Três Marias Biblioteca Comunitária J. Rodrigues
Paraty	Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Laranjeiras Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Patrimônio Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Ponta Negra Biblioteca Comunitária Casa Azul Biblioteca Comunitária Colibri Biblioteca Comunitária Itema Biblioteca Comunitária Regina Célia Gama de Miranda
São Paulo	
São Paulo	Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura Biblioteca Comunitária Cultura no Quintal Biblioteca Comunitária Solano Trindade Biblioteca Comunitaria Ademir dos Santos Biblioteca Comunitária Djeanne Firmino Bib. Com. EJAAC - Espaço Jovem Alexandre Araujo Chaves Biblioteca Comunitária de Heliópolis
Guarulhos	Biblioteca Comunitária Picadeiro da Leitura
Mauá	Biblioteca Comunitária Mundo dos Livros Biblioteca Comunitária do CCDL
Rio Grande do Sul	
Porto Alegre	Biblioteca Comunitária Girassol Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto Biblioteca Comunitária do Arquipélago Biblioteca Comunitária do Arvoredo Biblioteca Comunitária Ceprimoteca Biblioteca Comunitária Chocolatão Biblioteca Comunitária Cirandar Biblioteca Comunitária Visão Periférica Espaço Multicultural Livros sobre Trilhos Biblioteca Comunitária do Cristal
Dist. Federal	
Brasília	Biblioteca Escolar e Comunitária da EQS 108/308

QUER DISTRIBUIR O RELEVO?
ESCREVA PARA CONTATO@JORNALRELEVO.COM

EDITORIAL

A falta de um ricaço

O **RelevO** não é um projeto caro.

Com cerca de seis mil reais mensais, pagamos tudo — da gráfica às promoções em redes sociais. Incluindo uma (apenas recente) remuneração ao editor, que leva o **RelevO** como um trabalho, isto é, como algo além de um *hobby*.

Naturalmente, patinamos para alcançar nossas metas financeiras. Dependemos exclusivamente de nossos assinantes e anunciantes — sentimos ainda não ter otimizado nosso potencial atrativo para este segundo grupo — e realizamos promoções eventuais para cobrir meses de maior aperto logístico.

Mas não precisamos de muito mais do que isso. Nossos processos são enxutos; todos os envolvidos são, por vontade ou necessidade, versáteis. Tentamos ser *lean:* diante de nossas limitações estruturais, até que conseguimos. Não é tão simples administrar, além da edição em si, toda a logística de um veículo com mil assinantes e 500 pontos de distribuição.

Nessa linha de baixos custos e preocupação constante (passarinho que come pedra…), com mais dois mil reais mensais, conseguiríamos 1. nos manter sem sustos; 2. expandir o alcance do jornal, levando aonde quisermos levá-lo, principalmente bibliotecas; 3. remunerar colaboradores. O que nos afasta destes dois mil reais?

É provável que, depois de dez anos, tenhamos atingido um ponto complicado. Não conseguimos fazer mais do que fazemos hoje; ao mesmo tempo, não conseguimos sacrificar nossas vidas profissionais para alçar o **RelevO** a uma condição totalmente profissional. Não somos pequenos a ponto de ser uma revista digital que morre na segunda edição impressa, nem grande para que saibamos que temos mais dez anos pela frente, bastando entrar aquele anúncio público...

Nadamos na piscina do não pertencimento. Parcerias literárias, geralmente ávidas unicamente por divulgação, não nos interessam. E nós não interessamos a quem poderia nos alçar. Quem nos assina esperando contrapartida editorial, se decepciona.

Não conhecemos nenhum gestor de *holding*. Ou qualquer ricaço que gostaria de adotar o **RelevO** como – aí sim – um *hobby*. Que brincasse de mecenas e pudesse contar aos amigos, em uma festa na qual não seríamos convidados, que "apoia um negócio de literatura".

Pagamos, portanto, por não querer dançar a música do nosso salão amador, mas, principalmente, por não conhecer *ninguém* do salão oposto — nem os garçons. Ninguém da nossa publicação tem família histórica no ramo, costas quentes ou ao menos um concurso público para tranquilizar a subversão do contraturno.

Dois mecenas que compreendam nossa proposta editorial e dispostos a injetar mil reais por mês reformariam nossa casa (simbolicamente; nossos respectivos lares continuariam com goteiras). Não parece uma meta tão absurda.

Não estamos necessariamente *pedindo*, mas compartilhando: a lacuna é nossa e cabe a nós tentar solucioná-la. O **RelevO** deve provar — aos nossos hipotéticos colega com recursos — por que seria interessante depositar uma quantia (de dinheiro e confiança) no **RelevO**, e por que não queimaríamos essa quantia (de dinheiro e confiança) em cocaína, ou pior, em um estoque de livros do Caio Carneiro — autor de *Seja Foda!* (2017) e *Enfodere-se!* (2019).

Porque um ricaço entediado elevaria o Jornal de uma maneira que uma infinidade de saraus, lançamentos e permutas desavergonhadas jamais darão conta. Enquanto nosso olhar apaixonado não cruza com o dele, seguimos com as próprias pernas, mais coxas do que atléticas. Não é muito e é o que temos oferecido a uma década. Uma boa leitura a todos.

OMBUDSMAN

Morgana Rech

O duplo nunca morre

Parece que, para uma primeira sessão, fomos bem. Bastante comum: em início de análise, um primeiro movimento de despersonalização é feito pelo paciente-jornal. No caso do **RelevO**, ele aparece com essa dupla versão de si, metido a jornal automobilístico-guia-fálico-de-tunagem. Mostra toda a potência do seu motor editorial, talvez com o objetivo de ditar a velocidade e o trajeto da nossa estrada transferencial.

Típico, porém, genial, já que não resta mesmo outra opção a um jornal literário, impresso, resistente como esse, senão jogar limpo com as suas tendências falocêntricas. Suportar o tamanho do desamparo que é fazer literatura sob a proteção, no caso desse fenômeno duplicador que observamos aqui, de cavalos e cilindros. A análise do Gol Bola, se é que entendi bem, 1994, denuncia: o **RelevO** não vai se rebaixar tão facilmente. Não vai cair nessa de confundir freio com pedal de aceleração. Vai conseguir fazer humor, acima de tudo e em alta velocidade.

A cara sacana do duplo vem, às vezes, só confundir o próprio autor para, depois, fazê-lo acreditar mais forte nele mesmo. Isso é o bonito da literatura, afinal de contas. Uma forma de *uma verdade desmentida se tornar uma nova verdade, fazendo da antiga uma mentira e, portanto, se refazendo como mentira*. É isso mesmo? E o jornal pergunta, no fim: sacou? Eu devolvo a pergunta, é lógico. Estamos em análise, **RelevO**. Eu acredito em você.

O duro é acreditar no falocentrismo quando o joelho treme diante de uma narrativa como a do Rodrigo Menezes de Melo, em que "a gente quase sempre se sente melhor quando finge que é bom"; ou quando Elisa Dot conta sobre o brilho dos vagalumes que aumenta quando os olhos transbordam de "lágrimas não solicitadas"; ou quando imaginamos a personagem de Marta Neves completamente saída de si naquele bar insuportável; ou no duplo de Afrânio, que morre de tanto ignorar o que está diante dos seus olhos, no texto do Evandson Sousa.

Fim de sessão e o próprio jornal restitui sua própria imagem, ao incentivar o mantra "sou a reencarnação daqueles que ainda não morreram". É lógico que ainda não morreram, porque o duplo nunca morre quando a arte e o humor são bons. O paciente-jornal se engrandece ao longo do tempo e, justamente por isso, fico no maior orgulho e me despeço: nos vemos no mês que vem.

Escadas rolantes

Tamiris Volcean

Mora em mim um complexo de escadas rolantes. Toda vez que me deparo com aquela estrutura metálica silenciosa, titubeio. Diminuo o passo e espero pelo próximo degrau. Um jeito de ter certeza de que vou acompanhar o ritmo. Só depois dos vinte e tantos é que consegui, finalmente, subir de mãos livres. Despreocupada nem pensar. É preciso, ainda, muita evolução espiritual para abandonar o prefixo da desinquietação. Vez em quando, ainda tropeço. Levam-se tão poucas certezas desta vida.

Em Catanduva, cidadela do interior de São Paulo que cresce sem nunca ser notada, só fui conhecer escada rolante na adolescência. Lembro-me de que foi uma festa. A primeira delas brotou em uma loja de roupas populares. Depois da aula, íamos, eu e minhas colegas de escola, até lá. Era um sobe e desce. Imagine só! Àquela época, bastava alguns degraus cheios de vida para sentir frio na barriga. Hoje, só se pensa em voar. Proporções estratosféricas.

Com o passar dos anos, frio na barriga torna-se coisa rara. Difícil de encontrar. Se a vida dos adultos tivesse forma humana, seria, com certeza, um senhor de olhos cansados ao lado de uma mulher apática. Feito aquele casal que sacoleja inerte no vagão lotado do metrô.

Pois bem, o conhecimento tardio das escadas rolantes me deixou insegura. Quando vejo uma criança pisar confiante em um degrau qualquer, sem precisar esperar pelo próximo, logo penso que aquele miúdo nunca saberá o que é viver com o tal complexo. Invejo-o por um segundo. Onde já se viu sentir inveja de criança?, ecoam as vozes sociais.

Ainda hoje, conheci, justamente no percurso do primeiro ao segundo andar, Emma, que nasceu em outra cidadela encoberta pela indiferença. Cabinda. Encaramo-nos e compartilhamos o medo de errar o passo. As pessoas ultrapassaram-nos apressadas. Ficamos estagnadas do lado direito, como prega a cartilha. Bastou um olhar para nos reconhecermos. Tínhamos muito em comum.

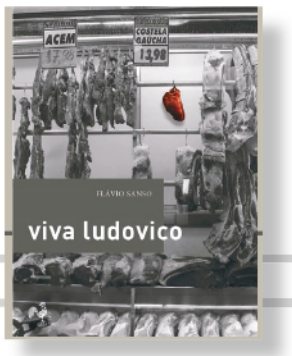
Cabinda é uma província que quase escapa aos limites da República de Angola. Colonizada por Portugal, não se rendeu à Língua Portuguesa. Emma tem como língua materna um dialeto do kikongo. Mas, inevitavelmente, conhece uma ou outra palavra do nosso vocabulário. A dominação sempre deixa seus rastros — de saliva e de sangue.

Paridas em solo explorado por portugueses e complexadas diante escadas rolantes. Sorrimos. Essa coisa é imprevisível, ela disse em um francês arrastado. Ao final, já sabia seu nome. Alguns passos depois, sua origem. Estava em Paris para estudar. A primeira da família a encarar o ensino superior. Os pais ainda viviam em uma cubata. Disse em português. Cubata. Só depois é que descobri o que era. Tivera quatro irmãos. Morreram todos. Em Angola, o rio seca sem porquês. Onde está Deus no meio disso tudo? É melhor que não exista, confessou-me. Porque, se existir, então é um filho da puta. Foi fala dela. Falta-me, ainda, a tal evolução espiritual para, além de abandonar prefixos, mandar à merda certas vozes sociais.

No relógio, 16h45 e já escurecera. Lamentei a falta de luz e calor. Ela, que se fundia com o céu preto, riu. As pessoas têm mesmo medo do escuro. E completou: há dias em que eu gostaria de conhecer a imprevisibilidade das pessoas, tal qual a das escadas rolantes. Comigo, são sempre tão previsíveis. Diminuem o passo, quando me veem. Em Cabinda, sou considerada rebelde. Aqui, bambeio diante de um punhado de degraus. Quase não existo.

Por que não mostra sua coragem para além das fronteiras de Cabinda?, perguntei. Mas, no fundo, sabia a resposta. A minha cor permitia certas rebeliões, a dela não. Ela apenas sorriu. Foi um prazer, despediu-se.

Quem mora em cidade grande desde o primeiro choro nunca conhecerá essa insegurança, fruto do conhecimento tardio das novidades. O Outro é um amontoado de complexos que nos falta imaginar.



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria sergarantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

O Engenheiro e o Minério:
apontamentos esparsos sobre a vida e a obra de João Cabral de Melo Neto

Frederico Garcia Fernandes

No último dia 9 de janeiro, João Cabral de Melo Neto, se ainda estivesse vivo, celebraria 100 anos de existência. A palavra "celebrar" parece um pouco inoportuna, considerando o temperamento arredio do velho poeta, conforme descreve seu biógrafo José Castello**[1].** Cabral, que vem de uma tradição de Paul Valéry, para quem a poesia deve ser o império da inteligência, aos 100 anos possivelmente estaria em busca de alguma explicação ou justificativa para sua vida e trajetória literária. Mas como definir esse poeta cuja importância para a literatura brasileira pode ser observada tanto nas vanguardas dos anos 1950 como na canção, alcançando a poesia de caráter social? Mesmo 21 anos após sua morte, João Cabral continua sendo uma referência, sua poesia ainda é lembrada por leitores e circulada nas mídias.

A tentativa de definir sua pessoa faz lembrar um outro poeta, o saudoso Mário Quintana (1906–1994), que naqueles poemas-prosa de *Caderno H* alertava para o fato de que: "A poesia não se entrega a quem a define" e que "Uma definição define apenas os definidores".

O exercício da definição, como lembra Quintana, deve ser cuidadoso. Definição, pela sua etimologia, é uma tentativa de chegar ao limite e o discurso sobre uma pessoa nunca chega, de fato, ao limite do que ela é, muito menos de sua poesia. Mas é a lição de linguagem legada pelo próprio João Cabral, isto é, a lógica que comanda os movimentos do pensamento e o emprego da palavra meticulosa e sensível, conferindo a ela a nobreza semântica e sonora, que emprazam os contornos da sua identidade poética.

João Cabral de Melo Neto entra para a história literária como um daqueles raros gênios da poesia. Existem vários aspectos que tornam possível identificar os traços formadores de sua genialidade e dois deles acabam por se sobressair. O primeiro reside naquilo que Benedito Nunes (1929–2011)**[2]** apontou como "dialética do desterramento". O filósofo e crítico literário paraense caracteriza essa dialética pelo movimento de separação e retorno de um lugar. Trata-se de um movimento de ida e volta, o que permitiu a João Cabral uma percepção distanciada de uma realidade outrora próxima e que é contrastada com a realidade com a qual passa a viver. Esse fenômeno é muito comum na poesia brasileira e talvez o caso mais famoso é o de Gonçalves Dias (1823–1864) com seu poema "Canção do Exílio", mas também é algo que pode ser identificado na poesia de Sousândrade (1833–1902) e de Oswald de Andrade (1890–1954), para ficar com alguns exemplos. Outro caso particular dessa dialética, e que influenciou diretamente João Cabral, é o do itabirano Carlos Drummond de Andrade (1902–1987), cujo sentimento de mundo, em sua poesia, provocado pelos morros de Itabira, possuem uma ressonância na representação na obra poética de João Cabral. Não se trata aqui do sentimento lírico, mas da atenção dispensada por Drummond à paisagem como um elemento comunicante, que, na obra de João Cabral, terá uma importância equivalente.

O poeta nasceu em Recife, mas sua primeira infância transcorreu em São Lourenço da Mata, no Engenho Poço do Aleixo, próximo às várzeas do Rio Tapacurá, um afluente do Rio Capibaribe, sendo que este último será fundamental em sua obra *Morte e Vida Severina*. Um segundo momento de desterramento se deu nos anos de 1940 quando ele deixa o Recife e se instala no Rio de Janeiro. Nesse período, João Cabral se torna amigo de Carlos Drummond, 18 anos mais velho que ele, a quem já havia homenageado em *Pedra do Sono* (o primeiro livro publicado por conta própria em 1942, no Recife) e também dedicará seu segundo livro, *O Engenheiro*, de 1945 (este publicado no Rio).

Ainda nos anos 1940, João Cabral entra para a carreira diplomática e boa parte de sua produção poética foi decorrente do olhar para as várias cidades europeias onde morou. Para se ter uma ideia, João Cabral serviu em Barcelona, Londres, Sevilha, Marselha, Madri, Genebra e Berna, para depois ser promovido a Ministro Conselheiro e servir em Assunção, no Paraguai. O trânsito por estas cidades importantes fez com que João Cabral preparasse o terreno para uma poesia em que paisagens, pessoas, tradições e linguagens dos vários lugares onde morou pudessem se fazer presentes. É o caso, por exemplo, do poema "A urbanização do regaço", de *A Educação pela Pedra*, que pode ser considerado um de seus principais livros, publicado em 1966.**[3]**

"Os bairros mais antigos de Sevilha
criaram uma urbanização do regaço
para quem, em meio a qualquer praça,
sente o olho de alguém a espioná-lo,
para quem sente nu no meio da sala
e se veste com os cantos retirados.
Com ruas feitas com pedaços de rua,
se agregando mal, por mal colados,
com ruas feitas apenas com esquinas
e por onde o caminhar fia quadrado,
eles têm abrigos e íntimos de corpo
nos recantos em desvão e esconsados.

Com ruas medindo corredores de casa,
onde um balcão toca o do outro lado,
com ruas arruelando mais, em becos,
ou alargando, mas em mínimos largos,
os bairros mais antigos de Sevilha
criam o gosto pelo regaço urbanizado.
Eles têm o aconchego que a um corpo
dá estar no outro, interno ou aninhado,
para quem torce a avenida devassada
e enfia o embainhamento de um atalho,
para quem quer, quando fora de casa,
seus dentros e resguardos de quarto."

O segundo aspecto da genialidade de João Cabral é que sua poesia não deixa de ser considerada uma insurgência à poesia modernista brasileira, mas também há nela o reconhecimento de uma tradição e de um diálogo. O ponto crucial de ruptura da sua poética reside no racionalismo esquivo do lirismo e no distrato com a expressão de sentimentos pessoais. Mas é importante observar como o movimento modernista deixa resquícios na produção poética de João Cabral, advindos de poetas de primeira e segunda geração.

Nesse sentido, é nítido em *Pedra do Sono* o traço onírico surrealista, em que vários trechos se identificam com a poesia de Murilo Mendes (1901–1975); Drummond, como aqui já referido, foi um ponto de aprendizado do olhar sobre a paisagem muito significativo; e o primo de seu pai, o poeta Manuel Bandeira (1886–1968), foi o responsável por despertar em João Cabral o ofício poético. A influência modernista mais decisiva vem do pernambucano Joaquim Cardozo (1897–1978). Matemático e calculista de profissão, colaborador de Oscar Niemeyer, Cardozo foi quem chamou a atenção de João Cabral para o crivo racionalista da poesia e foi um típico poeta modernista que se pôs a escrever sobre o Recife, negando as afetações surrealistas e metafísicas. Tendo aderido a um estilo mais rigoroso quanto ao emprego da palavra, seu estilo era crivado pela objetividade.

Como é possível notar, João Cabral, mesmo residindo fora do País, balizará sua criação poética com o Modernismo brasileiro e, dessa relação, seus poemas evidenciarão um efetivo contraste. Assim, o ritmo, a dicção e o equilíbrio na composição, aliados à negação do emprego de recursos fáceis e vulgares — como o trocadilho e a piada — comuns aos modernistas, figuram como uma das principais características do poeta. Por isso, seu lugar na história da literatura é genericamente posicionado junto à Geração 45, por se tratar de um grupo de poetas afinados com a crítica ao Modernismo e de retorno ao verso elevado. No entanto, João Cabral foi muito além da preocupação com o verso, superando inclusive a verve existencialista comum a muitos poetas dessa geração. A lírica intimista cede lugar ao *modus operandi* racionalista da lírica, batizada antilírica, a qual foi tornada um tipo de pedra angular da poesia concreta de 1956.

O Engenheiro, de 1945, marca a virada na forma de João Cabral compor poesia. Benedito Antunes chama a atenção para a palavra "nuvem", que em *Pedra do Sono* é metafórica, marcada por uma simbologia onírica, como é possível notar na leitura dos versos de "A Mulher no Hotel":

"A mulher que eu não sabia
(rosas nas mãos que eu não via,
olhos, braços, boca, seios),
deita comigo nas nuvens."

E, em *O Engenheiro*, "nuvem" transita para uma morfologia do sensível, ou seja, ela conotará luminosidade, leveza, brancura, de modo a representar o que efetivamente cabe à palavra: um fenômeno atmosférico. Isso é possível exemplificar com os versos que abrem o livro, tanto no poema "As Nuvens", como em outros também:

"As nuvens são cabelos
crescendo como rios;
são os gestos brancos
da cantora muda;

são estátuas em vôo
à beira de um mar;
a flora e fauna leves
de países de vento [...]"

A obra de 1945 dará início a uma transformação poética que aprofundará o experimentalismo e a lógica composicional em seus livros subsequentes. *Psicologia da Composição* (1947), *Cão sem Plumas* (1950), *Uma Faca só Lâmina* (1955), *Quaderna* (1959) entre outros livros, *mutatis mutandis*, denunciam o aprofundamento do estilo do poeta que terá como ponto alto *Educação pela Pedra*, obra que reúne poemas escritos entre 1962 e 1965. Sem alterar sua linha de construção racional, antilírica, João Cabral, nesse livro, vincula a hispanidade à nordestinidade, criando um tipo de dialeto andaluz-caipira. Há uma outra característica dessa obra que deve ser notada: a prosificação do verso. São versos mais longos e com ritmo variados, apesar de que esse estilo já fora percebido em obras um pouco anteriores, como Eduardo Portela iria notar. **[4]** Ocorre a incorporação de uma flutuação silábica típica da lírica espanhola do século 17 à dicção de João Cabral. É, também, em *Educação pela Pedra*, que se identificam seus poemas mais populares, à exceção do auto *Morte e Vida Severina*, como, por exemplo, "Tecendo a Manhã":

"Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão."

A obra em questão recebeu prêmios importantes, como o Jabuti e o Pen Clube Brasil, cujo reconhecimento, de modo geral, dava-se, em grande parte, pela consciência de que o uso da palavra ponderada e racionalizada provocava um efeito tão humanizador quanto a poesia drummondiana, porém, sem o apelo da metáfora. Desse modo, João Cabral chama o olhar do leitor para um dado de realidade de mundo sem o uso da linguagem denotativa e, também, sem aprofundar a tensão do sentimento lírico-existencial da matéria poética.

Conta José Castello que, antes da publicação de *Educação pela Pedra*, João Cabral estava decidido a não escrever mais. Mas foi uma reportagem lida acidentalmente na revista *Observador Econômico e Financeiro do Brasil*, sobre a miséria do Nordeste, que o motivou a publicar *Cão Sem Plumas*, em 1950. Essa reaproximação com a nordestinidade o levará a compor um dos autos natalinos mais famosos da dramaturgia brasileira e, também, caracterizado pela crítica social, a miséria e a morte no Nordeste. Esse auto é *Morte e Vida Severina*, que recebeu tantos prêmios como *Educação pela Pedra*, tornando João Cabral reconhecido no mundo da dramaturgia. Ele foi escrito em 1955, a pedido de Maria Clara Machado para o Teatro Tablado. No entanto, não se sabe bem por quais motivos, o grupo teatral resolveu não montar mais peça e João Cabral a engavetou. Até que em 1958, um grupo de teatro do Pará a escolheu para apresentar no 1.º Festival Nacional de Teatro de Estudantes, em Recife, garantindo a João Cabral o prêmio de melhor autor.

A repercussão do auto se dará com a apresentação no TUCA, pela Companhia Cacilda Becker. De lá em diante, *Morte e Vida Severina* ganhou projeção internacional, agregando ainda a musicalização de Chico Buarque e Airton Barbosa às redondilhas de João Cabral. O auto ainda renderia um álbum homônimo gravado em 1966 pela Marcus Pereira e um teleteatro musical produzido pela Rede Globo, em 1981, com direção de Walter Avancini, que contribuíram para denunciar as desigualdades regionais, por meio da representação da miséria do migrante nordestino, no contexto brasileiro.

Nesse auto, o Rio Capibaribe torna-se uma espécie de fio condutor

do sertão para a periferia do Recife. Seu personagem principal, Severino, é um retirante que, assim como o rio, corta o sertão e acaba nos mangues de Recife. O nome próprio adjetiva-se ao longo do drama, o que confere à personagem um sentido coletivo: não é mais "o" Severino e, sim, uma vida severina. Há em *Morte e Vida Severina* um princípio alegórico natalino que é decomposto ao longo do texto pela problematização da relação morte-vida. A morte é colocada como um princípio da vida e a vida severina é um acontecimento que conduz à morte. Esse efeito é realçado ainda pela toponímia do sertão, por elementos econômicos (plantação da cana, os engenhos e usinas) e traços geográficos (rios, paragens, agreste, caatinga, mata e mangue).

A passagem em que o mestre Carpina responde a Severino figura como uma síntese da dialética morte/vida tematizada no auto, focando a trajetória do sujeito, como modo de compreensão da existência:

"— Severino retirante, deixe agora que
lhe diga:
eu não sei bem a resposta da pergunta
que fazia,
se não vale mais saltar fora da ponte e
da vida;
nem conheço essa resposta, se quer
mesmo que lhe diga;
é difícil defender, só com palavras, a
vida,
ainda mais quando ela é esta que vê,
severina;
mas se responder não pude à pergunta
que fazia,
ela, a vida, a respondeu com sua
presença viva.
E não há melhor resposta que o
espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio, que também se
chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco em nova
vida explodida;
mesmo quando é assim pequena a
explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão como
a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão de uma
vida severina."

João Cabral torna o sertão maior que sua representação. O sentido regionalista que pesa sobre a jornada sertaneja transcendentaliza-se na tensão dos encontros dados pelo caminho do retirante e na pulsão de morte e vida provocada pela aridez do meio. O sertão teve, antes de João Cabral, uma representação muito contundente da nordestinidade, da relação do ser humano com a terra, que estão concentradas no chamado neorrealismo, e cuja ficção nos deu nomes como José Lins do Rego (1901–1957), Graciliano Ramos (1892–1953), José Américo de Almeida (1887–1980), entre outros. A proposta poética de João Cabral assemelha-se ao estilo neorrealista no sentido da denúncia social contida no enredo, mas vai além na medida em que agrega à temática regional imagens de efeito cortante, secas e agudas, dando ao particular uma dimensão coletiva.

"— E de onde que o estais trazendo,
irmãos das almas,
onde foi que começou vossa jornada?
— Onde a Caatinga é mais seca,
irmão das almas,
onde uma terra que não dá
nem planta brava.
— E foi morrida essa morte,
irmãos das almas,
essa foi morte morrida
ou foi matada?
— Até que não foi morrida,
irmão das almas,
esta foi morte matada,
numa emboscada.
— E o que guardava a emboscada,
irmão das almas,
e com que foi que o mataram,
com faca ou bala?
— Este foi morto de bala,
irmão das almas,
mais garantido é de bala,
mais longe vara."

É como se as imagens dadas em seus versos se fizessem objeto e o objeto se corporificasse numa essência de mundo em que o leitor ou o expectador, induzido pelas litanias, diálogos e solilóquios, fosse provocado, irresolutamente, pela empatia da personagem Severino em sua vida severina.

Mudando o que deve ser mudado, um efeito semelhante ao de *Morte e Vida Severina* pode ser percebido nas representações das ruelas de Sevilha, na descrição etérea da bailarina andaluza, ou mesmo na força da vida que, conforme demonstrado, eclode até mesmo do mangue pútrido do Recife.

João Cabral, como um engenheiro, manipula o minério ferro até seu corte afiado em formato de lâmina, dá à pedra a fantasia do sono ou o peso da razão, molda a terra seca até ela virar linguagem. Por isso, há nas cenas de João Cabral uma atualidade: por mais que as paisagens possam se modificar, as suas representações poéticas propiciam uma experiência singular de observação e compreensão do mecanismo do mundo.

Em 1999, ano de sua morte, especulava-se que João Cabral seria um forte candidato a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura. Se isso tivesse se concretizado, teria sido uma justa homenagem à sua obra e um reconhecimento da sua contribuição para a literatura ocidental. É muito importante seu centenário não passar despercebido, pois foi um dos maiores poetas do século 20, deixando um legado para as vanguardas, com sua proposição antilírica, como também para a cultura brasileira, sobretudo o Nordeste. Em muitos escritores do Recife, que representam o sertão, é possível notar a ressonância de sua poesia. É o caso, por exemplo, da ficção de Cícero Belmar, para quem chamo atenção, principalmente, para seu romance *Umbilina e sua grande rival*, que tematiza a questão da morte, assimilando traços da cultural popular e do sertão pernambucano.

Em resumo, um país como o nosso, cuja visibilidade literária é conquistada a duras penas tanto interna como externamente, as instituições de produção e promoção cultural não podem se dar ao luxo de colocar no esquecimento um poeta como João Cabral de Melo Neto.

[1] CASTELLO, José. *João Cabral de Melo Neto*: o Homem sem Alma & Diário de Tudo. Rio de Janeiro: Bertrand, 2006.

[2] NUNES, Benedito. *João Cabral de Melo Neto*. Nota Biográfica. Introdução Crítica. Antologia. Bibliografia. Petrópolis: Vozes, 1971.

[3] Os poemas citados neste ensaio foram extraídos de sua obra completa, organizada por Marly de Oliveira com assistência do autor, publicada pela Editora Nova Aguilar, 2006.

[4] Como observa Benedito Nunes, Eduardo Portela já havia identificado esta flutuação silábica de João Cabral em *O Rio*, de 1953. A respeito ver: PORTELA, Eduardo. *Dimensões.* Rio de Janeiro: Agir, 1959.

Lucila Nogueira

Lucas Silos

No sopro do oceano o meu destino.
Meu canto é de galáxias e cavernas
e eu cruzo em cada gesto o infinito.
Lucila Nogueira em *Almenara*

A poesia de Lucila Nogueira, embora tenha certo reconhecimento em alguns países, ainda está suspensa no abismo no que se refere ao Brasil, já que, em resumo, o único estado em que é aclamada é Pernambuco. A escritora nasceu em 30 de março de 1950, no Rio de Janeiro, tendo vivido por muito tempo em Recife. Lecionou, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), diversas disciplinas de literatura e de crítica literária; traduziu para a língua portuguesa os poemas de Miguel Hernández, César Vallejo, Gabriela Mistral, Paul Éluard e Emily Dickinson. A autora publicou mais de vinte livros e teve algumas de suas obras traduzidas para as línguas francesa e espanhola. Apesar de vários críticos terem se pronunciado a respeito da imensa qualidade de sua poesia, seus versos ainda são pouco conhecidos e admirados pelo grande público, o que também ocorre com os demais integrantes da Geração 65, grupo pernambucano de literatos ao qual a poeta pertenceu.

Para esta edição do **RelevO**, selecionamos quatro poemas do seu extraordinário livro de estreia, *Almenara*, de 1978), que lhe rendeu o Prêmio Manuel Bandeira do Governo do Estado de Pernambuco, em 1979. Trata-se de uma obra mística, com forte teor reflexivo, e, que não raro, atinge o plano do metafísico. O eu-lírico transita entre as questões transcendentes do espírito humano ("Vivo rondando em vão à tua porta/ mundo que vai me amar depois de morta") e as inquietações do amor ("Depois do amor, o amor. E amor ainda/ enquanto a pele acorde sobre o osso"); regressa às imagens da infância ("No tempo dos amigos invisíveis/ eu caminhava, azul, dentro do mundo") e segue, finalmente, o caminho da preocupação social ("Sempre serei tão clara como a vida/ dos simples: sem joguetes ou enganos").

Por fim, no que se refere à forma, todo esse plano temático é, em sua maior parte, incorporado a quadras e decassílabos, bem como ao pouco uso de rimas, o que concede certa naturalidade e fluência aos poemas. Lucila Nogueira morreu em 25 de dezembro de 2016, no Recife, aos 66 anos, em virtude de um Acidente Vascular Cerebral (AVC). Em 2020, completaria 70 anos.

PORQUE NÃO TE CONHEÇO TE PROCURO

Porque não te conheço te procuro
E te chamo de amigo e te asseguro
que invisível falcão me dilacera.

Sou uma caça abatida em meio a feras.
E abatida inda busco o monumento
que eleve a paz e luz o sofrimento.

Amar é dispensar todas as armas.
É partir para o sonho, o corpo claro
e voltar tinturado pelas balas.

Eu peço ferro e fogo nesta chaga
Até que ela por si murche e endureça
E a ternura em seus marcos amanheça.

Eu recuso, eu acuso e ultimo a farsa
que está sempre exigindo quem abraça.
Quando a verdade some a fé naufraga.

Que o sangue no meu peito não te afaste:
Feridas em memória eu transfiguro.
Porque não te conheço te procuro.

O HOMEM

Por toda a parte a cruz, a sede, o espinho
o sangue refletindo a face exausta
e o chicote entoando ao céu seu hino.
Por toda parte o peso do absurdo.

Por toda parte a queda. E a terra fria
Mergulhando a ferida consentida.
Por toda parte o gesto é paralelo
e o gel inunda o lábio que suplica.

Por toda parte sofre o ser que intenta
Aureolar na sombra o absoluto.
Por toda parte a morte é companheira
e a solidão persiste além do túmulo

Por toda parte a carne é véu-limite
da chama que esvoaça sobre o tempo.
Mas se fiel o homem a seu caminho
Por toda parte é deus e ressuscita.

ANDO INVISÍVEL PELO APARTAMENTO

Mesmo invisível salto para o leito
e no teu corpo ausente desvaneço.
Se o teu passado acorda, eu me despeço
e desando invisível nas paredes.

Somente o amor pode quebrar-me o
[encanto.
Mas as tuas mãos são asas muito breves.
Teu peito entorpeceu-me na distância:
Somente a fúria da paixão me serve.

No meu corpo invisível tu derramas
Geleiras, bulevares e castelos.
E a multidão latino-americana
Explode a sua fome no meu sexo.

Prepara um orgasmo eterno em que se
[altere
a rotação das gerações sem leste.
Com essa gente, calo, sofro, espero:
mesmo invisível tiro minhas vestes.

Ando invisível pelo apartamento
defendendo o clarão da minha pele.
Ah, tão distante amado, que concebes
paz numa fêmea que jamais percebes.

A FALA

À memória de Alberto, meu pai
À Lygia, minha mãe

No tempo dos amigos invisíveis
eu caminhava, azul, dentro do mundo.
Gostava de brincar de precipício
para iludir, na queda, o próprio tombo.

Meu passo era gigante como a vida.
Como o quintal de mangueiras sem rumo.
E como os corredores do colégio
onde as palavras possuíram tudo.

A minha avó tremia na cadeira
E eu era só, pelo sobrado escuro
onde somente o vidro de uma telha
me anunciava o terminal noturno.

Navios de papel eu construía
para entregá-los ao poder da chuva
e quando eu me sentava na calçada
só via o rio atravessando a rua.

Eu mesma itinerava como as águas
que no convés batiam sua fúria
meu pai sempre no porto me esperava
estrangeiro na vida como tudo.

Na janela sem fim do apartamento
também meu nome desenhava a chuva.
Patins pelas escadas esbarravam
na solidão amarrada a meu pulso.

Bonde que me levava aos domingos
à praia da calçada preta-e-branca.
E eu querendo brincar com os meninos
que riam do sotaque do meu canto:

Estranha eu era até na própria terra
como na outra, em casa ou pelas ruas.
As rabanadas postas sobre a mesa
Reconduziam meu sonhar distante.

Meu pai, meu pai que tudo me escondeste
hoje eu impero nos faróis do sangue.
Pois descobri, na noite dos abetos
a lâmpada e a cruz dentro do tronco.

E mergulhei no túnel que fizeste
e a minha mãe surgiu além das águas.
Por isso eu não recuo nem me quebro:
a vida simples me ensinou a fala.

REFERÊNCIAS

RODRIGUES, Lucila Nogueira. *Almenara*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FABER, Marcos Alexandre. *A poesia da Geração 65*. Recife: Cepe, 2019.

Lucila Nogueira Site oficial: Biografia. In: RODRIGUES, Lucila Nogueira. Lucila Nogueira Site oficial: Biografia. Recife: Lucila Nogueira, [2010]. Disponível em: lucilanogueira.wordpress.com. Acesso em 1 fev. 2020.

O ACESSÍVEL GATSBY

Sr. Schwarcz & Companhia das Letras,

Como o senhor e sua Companhia (rs) já devem saber, *The Great Gatsby* (F. Scott Fitzgerald, 1925) entrará em domínio público em 1.º de janeiro de 2021. Que oportunidade de ouro e(m) pó. Isso nos dá cerca de dez meses para imprimir um livro pronto: não podemos perder tempo! Tempo é dinheiro, meu velho!

Nós nunca conversamos, e acho que o senhor nunca encostou em um Jornal **RelevO**, o que já o torna uma pessoa mais elevada e agradável para termos ao nosso lado. Dessa forma, visando a conquistar sua atenção e seu respeito, elaboramos sugestões extremamente baratas de adaptações para que possamos transformar essa obra-prima em uma fonte inesgotável de dinheiro — se isso for o que senhor e o mercado (e a Penguin) quiserem. Temos a plena convicção de que nossas ideias enriquecerão ainda mais seu portfólio.

O GRANDE GATSBY – comecemos por uma adaptação conservadora. Nela, o narrador Nick (1,72 m) acompanha as peripécias de Gatsby, seu vizinho de 2,14 m e 130 kg em sua saga para comprar bons calções em uma loja de departamento do Centro de Botucatu (não em Itu, pois não simpatizamos com o Juninho Paulista, que, trabalhando na CBF, descaradamente tem interesses cruzados com o Ituano, uma prática que sabemos que a Companhia das Letras não fomenta no mercado literário. Portanto, não queremos manchar a imagem da sua empresa).

O MÉDIO GATSBY – nessa inversão de papéis (kkkk), Nick Carraway é um cheirador festeiro; e Gatsby, um funcionário público da Caixa Econômica Federal com um canal no YouTube. Incrédulo, Gatsby vê Nick engolir uma aranha viva no Folianópolis. Nick se transforma no Homem-Aranha; Gatsby é promovido para técnico em finanças integradas. O Dazaranha retorna com tudo no Folianópolis 2021: "Sou vagabundo, eu confesso/ da turma de Césio 171".

O PEQUENO GATSBY – hahaha, já imaginou, um anão?! Hahahaha. Ele fala "um whisky sour, por favor", e o mordomo responde "não consigo te ouvir daqui de cima". Mas aí a gente descobre que o mordomo realmente está num piso superior, porque a mansão do pequeno Gatsby continua enorme! Hahahaha. Pode virar *reality show*.

Glande Gatsby – a literatura erótica para senhoras que não transam já saiu de moda, e é por isso mesmo que vamos trazê-la de volta. Todo o mundo quer dar para o DiCaprio, até a gente, então basta escrevermos algo que remeta a ele — e que ele meta muito. Anal incluso de todos os envolvidos no processo de produção e possível primeiro *Point of View* do mercado literário.

Turma da Mônica em: Gatsbynho – Gatz, Nick, Daisy, Jordan e Tom chegam ao Bairro do Limoeiro! Nesta criativa história em quadrinhos, todos os estereótipos típicos da sociedade brasileira são revisitados de Norte a Sul. Na festa de dois anos de Gatz, o pai, chateado com a não presença dos amigos solteiros, insinua: "Berenice, um pouquinho de Jameson 10 anos na mamadeira vai fazer ele dormir rapidinho… Vem cá...". Ilustrado por qualquer estudante de design chamado "Maurício de Souza", com z, assim pagamos pouco e não corremos risco algum de processo.

De férias com o ex: Daisy Buchanan – tem coisa mais *bad* do que casar com um *boy* lixo? É o que vamos descobrir nesse romance folhetinesco que acompanha o confinamento entre Daisy, Tom e Gatsby numa praia topíssima da Bahia. Nick é o apresentador/narrador.

Bath!, Luhrmann: O Gatsby Gaúcho – neste romance inteiramente situado num CTG de Santa Maria, Gatsby, torcedor *de* Grêmio, rivaliza com o colorado Nick no Grenal 439. Outra opção nessa linha seria o guia turístico *A Grande Guaporé*, em que o casal Gatsbello e Deinizia apresenta todas as atrações gastronômicas do município, observando a cultura do Grenal pela perspectiva da riqueza multicultural — "mas mais a italiana mesmo" — desse Brasil gigante e imponente.

Gengis Gatsby – livro de contos narrado por Marco Polo, que viaja à Ásia e se encanta com as raves de Kublai Khan. Ao retornar à Europa, Marco Polo constrói sua própria boate: a Constantinoia, povoada de seres mitológicos conhecidos como Gnomos de Rave. Mas nosso europeu viajante morre de saudades do Império Mongol e do bate-estaca literal que rolava quando o Grande Khan se chateava com o momento *lounge* das festas. Vejo um Jabuti nadando sobre a mesa da sra. Lilia Schwarcz, hein.

A Grande Gatwech – apenas um livro de fotos da Nyakim Gatwech retiradas do Shutterstock com trechos respeitosos de *O Grande Gatsby*.

Mansão Gatsby: a Porta dos Fundos – nessa versão anarquista do Leblon escrita toda em forma de cordel carioquês, Gatsby é simplesmente Jesus, e a Santa Ceia é, na verdade, uma degustação *hard* de queijos e vinhos, com Judas reclamando do Queijo Canastra e sugerindo trazer umas convidadas para animar a festa... Sentiu o cheirinho de polêmica na lista dos mais vendidos? Podemos pagar o Porchat para pagar alguém para escrever um prefácio de 12 linhas. Vai vender como água tonificada, meu velho.

O Grande Gatsbi - um Gatsby longe da masculinidade tóxica, encarando o patriarcado de frente e reconhecendo seus privilégios como homem branco cis; um Nick que chora porque homem chora também, crente de que o binarismo só nos leva a uma sociedade opressora e machista. Cidade: Ibiza. Se o dólar não baixar, a adaptação cinematográfica pode ser em Jurerê Internacional.

Aguardamos um retorno veloz: lembre-se, temos apenas dez meses.

Atenciosamente,
Jornal **RelevO**

Cantoria do pajé pós-moderno sobre as novas Lisboas

Carlos Emílio Corrêa Lima

(romance em minialtura...
contra o carisma, contra o vento sem fim
contra o sopro do verbo dos novos ovos-livros, pousados
graniticamente à espera de serem abertos nas montanhas,
a verba, nascida dos monturos dos nascituros há milênios
se amontoa devassa como um céu completamente ao contrário implantado na terra, anti escritura
à custa do talo e do tao da estrela nítida perfeita no cosmos dos olhos
daquele que vê e sabe de todos os segredos dos caminhos da Terra por ela a luzir
sem nenhuma iniciação monstruosa no topo do cogumelo anti-mental anti abertura dos cílios
fios de luz dos horizontes verticais
de nagasaki e abrantes e de tudo desde lentamente antes,
escondido pela porta dodecafônica do dilúvio antes do antes
seus olhos depois da tv e do abeserbeber
não precisou acionar os cogumelos
nem matar milhões de seres irmãos para saber reiniciar e compreender a verdade
multifônica do universos, sua boca enorme de dentes-estrelas
de trumans apenas filmados em estéreis filmes em preto e branco projetados ao contrário trasumancias, desnecessárias transumâncias, projetados no deserto para ninguém
pois é certo que realmente existiram esses trumans, essas antiespumas negras acesas de cartolaescura peralta
esses ataques atômicos, essa anti-música, esse anti-verbo na terra
mosteiros perdidos, muito afastados daqui chegam lentamente aos mais distantes planetas
onde pousarão com seus cânticos, flutuantes levíssimas fontes secretas
terremótico portugal, barcos sem bardos, desamanheceu
flautas penianas de clamor sideral
de mar astral espermático, desde o sul da base do imoto
desde o território-tom, o mais isolado da terra em todos os tempos, o mais musical,
lá no sul das florestas mais verdes que o ouro
provocara o anti-régio sortilégio, sorvete de sinos e tubas de queima gigante, estardalhaço de ilhas violadas magmático encalço coral desde las jesuíticas missiones em forma de torre ogiva cantada,
a maior cachoeira aclamada, clamada e cantada do mundo completamente direcionou-se
numa só direção de cantos, sopros e envios, coral de violinos e vozes guaranis
tudo em aberto chegou em verbo vibrado no ecoo dos pampas, ah!
borduna oceânica vibratória endoidou a tudo que queria em ira estigmatizar os povos do princípio, maremotizou-se, ror, a tudo que queria zerar os povos da origem, cerrar a verdade,
a harpa de bambus ultimados pelo sol novamente residente na terra em multidão de novas pessoas rituais completamente inscritas nelas chuvosas flautísticas pessoas de som e coragem
cumulus-nimbus extra-sensóreos
tudo aconteceu assim, em uma flautação de forças corais
e reacontecerá com o mesmo desenho da folha da árvore mais complexa
estampada estelarmente no céu pauta da mente
contra as atuais mais sórdidas dementes cidades de verba da terra,
anti verbais, magocinemáticas
cidades erigidas suas fundações sobre as hecatombes continentais
receberão tudo aquilo a que têm direito, no peito
depois de tantos aracnídeos massacres e eito obrigatório universal
com o discurso poético do terremoto e do justo furacão, outra vez
infelizmente, mais uma outra vez, tubas do advir,
receberão o beijo destruidor da libertação planetária
o grande colibri do amor irá sem ira novamente descer sobre o planeta
e ele são povos inteiros a cantar a força do ilimitado pássaro,
e ele são povos inteirimensamente a cantar a força do ilimitado pássaro do tamanho do céu
tubas do advir, oh tubas do advir, tubas dos pampas, antes dos cavalos, horizontais horifontes,
pássaro infinito completamente sem fim, pássaro de águas,
pássaro dos ventos, pássaro-neblina
tubas do advir,
tubas do advir,
tubas do advir...
azul musical horizonte
chegai, infinitamente, chegai

Júpiter e o cajueiro

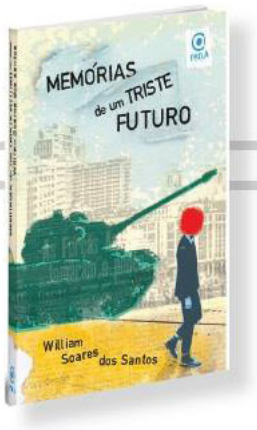
Maurício Simionato

Entre Júpiter e eu
havia um cajueiro.
Galhos tortuosos e folhas alternas,
de ápices arredondados,
buscam tocar
estrelas, planetas e satélites.
Buscam tocar-me. E tocam-me na congruência inimaginável.

Por que te importaste comigo, cajueiro?
Se o vento que lhe resvala
ora esconde Júpiter,
ora o mostra.

Sabes que somos.
apenas a mesma coisa.

O meu sangue
corre em tuas nervuras.
E tua resina amarela
escorre das minhas veias
ao céu.
Entre Júpiter, o cajueiro
e eu,
sempre houve o caminho.



Memórias de um triste futuro

WILLIAM SOARES DOS SANTOS

ED. PATUÁ

Neste novo e contundente livro, o escritor William Soares dos Santos se afasta do lirismo que caracterizou seus trabalhos anteriores e nos leva para uma viagem difícil ao Brasil dos anos de 1964 a 1985. Através de um texto que se constitui por meio do alinhavar de diferentes histórias de personagens sem nome, somos apresentados a situações de violência e desumanização. Ao fim de tudo, temos a certeza de que o pesadelo não acabou. Ainda falta muito para que possamos superar aquele período, nos lembrando que, como escreveu Bertold Brecht, o preço da democracia é a eterna vigilância.

0. Consumação

Algum Lucas

Em termos flusserianos, pós-históricas, as novas imagens técnicas do mundo são o *output* de um aparelho ainda maior: o consumo. Antes, então, de entendê-las, é preciso que se entenda o seu programa. Existir no século 21 é consumir e produzir imagens — estas, para serem programas que direcionam seus consumidores a consumirem e a produzirem mais imagens *ad nauseam*.

Problema que antes concernia basicamente à pornografia devém, agora, ubíquo: as imagens técnicas são cada vez mais genérica e ontologicamente pornográficas**[1]**. Cada vez mais, a existência resume-se às superfícies consumidas que programam para a produção e o consumo de superfícies, pois quase nada há além ou aquém delas. Defronte à câmera, não se pode "ser", mas meramente representar, e, se tudo é representação, nada acontece — nada verdadeiramente é. Trata-se da extinção do privado orientada pelo imperativo "sorria, você está sendo filmado".

Uma foto da Torre Eiffel em uma rede social não mais pode ser considerada relato histórico, porque a face que se interpela entre torre e consumidor ressignifica o estar-no-mundo do indivíduo — está-se sempre perante a imagem, e estar no mundo sem ser visto é inexistir. Um ser que preze por sua existência (subentenda-se o desejo por uma "voz", pelo "direito" de ser ouvido etc.), portanto, precisa ser visto para existir. A ideia — e a subsequente compreensão — de uma ontologia orientada ao objeto é duplamente obstada pela urobórica e sistemática necessidade de consumir e produzir imagens para consumo. Existir é ser visto consumindo. "*L'essentiel est invisible aux yeux*" desde que visível em tinta na pele, exposta em foto com filtro sépia. *Videor ergo sum*.

Êxtase e abulia são os novos sentimentos vigentes. Não mais é possível sequer conceituar objetivamente algo como Belo ou Grotesco. Não há como eleger o mais ou o menos, é impossível para a realidade "natural" competir com a das imagens — estas duram para sempre. É-se sempre mais real na superfície inesgotável de um único instante abstraído do espaço e do tempo. Existir perante a imagem supera a existência antiga, porque tudo o que existe no tempo eventualmente inexistirá. E, nesta lógica coetânea, a imagem, mesmo que fosse ainda impressa em superfície material, pelo simples fato de que perdura enquanto o humano perece, é a única forma de existir. Apropriação do antigo e romantizado senso comum acerca da imortalidade da escrita.

GUSTAVOT DIAZ "Terceiro olho", 2019 | técnica mista sobre tela (12x12cm)

"Quem sorri sempre, sorri nunca". Se são todos belos, especiais, fascinantes... Aforismo devém adágio. Não há mais história, porquanto há somente o espetáculo. Se não se pode consumir um holocausto, não se deve mostrá-lo, de modo que não será possível vê-lo — e ele, enfim, inexiste. Quando o que é público torna-se, em essência, privado, que se pode afirmar acerca da noção de uma sociedade? Que se pode manter quanto ao que se entende por Estado, família e civilização como instituições?

A publicização sistêmica do âmbito privado da vida humana impossibilita conexões interpessoais profundas, já que não há senão superfícies. Que muda na ideia de amor quando o eu te amo que intentava conexão íntima entre um indivíduo e outro passa a ser declaração pública que visa tocar o consumidor, a fim de fazê-lo consumir este amor que se põe à venda?

O caracterizar-se torna-se mais e mais dependente do caracterizar o outro à própria imagem: "aquilo [no sentido da imagem de alguém] é belo, portanto torno-me belo ao consumi-lo e simulá-lo". Simulação² (simulação ao quadrado). O "Belo" apresenta-se, então, como aquilo que o consumidor foi programado para consumir. A identidade concretiza-se, por conseguinte, das virtualidades resultantes do aglomerado de relações entre superfícies que programam para que sejam consumidas infinitamente. A celebridade, por estar incomensuravelmente mais à mostra, é mais, porque existe em todo lugar. A lógica dos deuses importada do Olimpo: quanto mais adorado, maior sua força — ou seja: quanto mais sou visto, mais sou. *Videor ergo sum*.

Reitera-se: não se pode estar além ou aquém da imagem, porque, se a imagem é mera superfície, *output* de um programa de consumo, toda reação a ela faz parte das possibilidades deste programa — é reação antecipada, programada, de modo que, para existir, será necessário fazê-lo por meio da mesma mídia imagética contra a qual reage. Ei-lo, o Ouroboros. Da mesma maneira, embora inversamente, é impossível "existir" nos bastidores (aquém), porque estes não passam de parte do processo — tal existência só é possível se transformada em *making of*. De modo que se passa a crer que além da imagem há só a sua percepção — perde-se o sujeito do perceber. Há apenas duas ações no paradigma da existência por meio do consumo de imagens: "ser" e "ser visto sendo". Ressurge como mantra: *videor ergo sum*.

Todavia, outro problema vem à tona: como, então, pode-se alterar o mundo se a revolução política é ato reacionário que preserva o sistema? É preciso dar início a discussões metatécnicas (*Elogio da superficialidade*). Ao seguir-se a lógica de que por meio da língua cria-se a realidade, a língua age como aparelho de imagens: dentro da língua, toda imagem é, em virtualidade. E eis o porquê de tão arbitrária a nova situação do mundo imagético: sem o intermédio da palavra, da possibilidade, a imagem técnica extingue todas as outras virtualidades; assim como o quadro a limita, a imagem limita o significado — a realidade. Ou seja: o espaço restringe a existência na imagem, que por si só já é abstração do tempo. Enquanto a língua cria realidade,

será que a imagem, destituidora de duas dimensões, pode apenas simular? Completa-se o movimento circular — eis o paradoxo de existir apenas através de imagens: a simulação perpétua do ato de ser impossibilita-o; e, se nada é, por muito tempo, nada há que não a inércia circular da retroalimentação de imagens, de simulações. A pós-história dá as boas-vindas. *Omnia simulo, nihil est*.

O "abandono" da escrita como veículo capital da comunicação humana e sua subsequente substituição pela síntese de imagens não implicam, obviamente, a anulação total da subjetividade e da interpretação — é-se, cada vez mais, "letrado" em imagens. A leitura de imagens como nova forma vigente de comunicação apenas migra o foco desta: não mais se trata de, tomando-se como exemplo a palavra "barco", pensar a imagem de um barco e, a partir dela, significar — a imagem do barco em questão, seja qual for, esvanece as infinitas outras virtualidades compreendidas na palavra "barco", porém, tal como a palavra ela mesma, ainda depende de um contexto e da capacidade de interpretação do sujeito (doravante, referido como "consumidor"). Em suma: enquanto a palavra, para criar sentido, tem por intermediário o ato de imaginar**[2]**; a imagem necessita apenas que lhe imputem seu valor, seu significado — perde-se a imaginação, no sentido de criatividade, e assim a cultura se banaliza e massifica, pois quando o "sentido" de algo é ser consumido, seu "significado" não é senão seu preço. Sociedade de consumo e cultura de massa são os alicerces da sociedade informática imagética.

E quem, senão aqueles chamados *influencers*, seria exemplo mais adequado à dicotomia do consumo de imagens? Os *digital influencers* são *produtores de conteúdo* online responsáveis por praticamente todo o entretenimento gerado tanto em meios cibernéticos quanto nas mídias tradicionais. São, também, provavelmente a resposta à pergunta "o que farão os humanos quando as máquinas assumirem suas funções?". Ora, aquilo que as máquinas ainda não são capazes de fazer por si: programar humanos. Tornando-se ao caso contemporâneo, esse vaticínio mostra-se útil: tome-se o consumo como programador (máquina), torna-se o humano (e suas ações) *output* do programa. Sendo assim, explicita-se o que há décadas dizia Baudrillard sobre o verdadeiro caráter segregador do consumo: quando todos têm — em tese — a mesma possibilidade de acesso aos bens de consumo (hoje, imagens e status), a segregação não ocorre no âmbito material do processo, mas sim no ideológico: há os capazes de fazer uso racional destes (os que programam, "influenciam") e os que vivem em função da lógica fetichista do consumo programado.

É assim, portanto, que o que se consome devém, em grande parte, não mais um eletrodoméstico ou simplesmente um carro ou imóvel: consome-se a identidade no programa do objeto. Pela ideia de que "qualquer um pode", já que o necessário é ser visto e, no que diz respeito ao material, há uma infinidade de câmeras disponíveis em qualquer lugar, e a qualquer momento há sempre outra infinidade de consumidores ansiosos para consumir e reproduzir imagens, o famigerado *american dream* espalhou-se ideologicamente pelo mundo consumidor, irrestrito — porque este mundo é todo e qualquer lugar onde há mercado consumidor; pois, além do sistema (*aparelho*), apenas o consumidor produz imagens e, portanto, existe. Há, agora, um quarto mundo invisível, nos subsolos de qualquer país do planeta, seja ele "de primeiro" ou quinto mundo.

O trabalho de um *digital influence*r não se assemelha ao de um profeta ou líder religioso, como se poderia supor, num primeiro momento — trata-se de trabalho completamente equivalente à prostituição. Seus corpos (avatares, identidades) estão à mostra para consumo e são vorazmente consumidos. E não se trata, aqui, do sentido sexual do termo: especialmente na Ásia, há celebridades virtuais de Mukbang, que ganham a vida transmitindo suas refeições. Grande parte das imagens que se consome hoje não são meramente as ostensivamente pós-produzidas de um longa-metragem hollywoodiano ou capa de revista, mas aquelas de cotidianos "*reais*". Isto, porém, impossibilita a realidade de um tal cotidiano ao partir-se do princípio de que ele diria respeito ao âmbito do privado. Como, então, "existe" uma celebridade que, em imagens de seu "cotidiano" privado (treinamento físico, trabalho, passeio em família, refeições e outras ações do dia a dia *ad infinitum*), constrói sua identidade? Se sua "vida privada" é publicizada e capitalizada, o anonimato agora seria o andar nas ruas? Talvez sim, pelo princípio de que se está sempre conectado, olhos colados às telas, e, portanto, viandantes não transitam de lá para cá, mas são, sim, transportados pela inércia do consumo a produzir imagens com diferentes *backgrounds.*

Se as relações entre público e privado se inverteram, e é nas ruas que se pode experienciar o anonimato, como compreender uma existência indissociável do conceito de representação (produção de imagens)? E é óbvio que se pode advogar a ideia de que o convívio social sempre esteve simbioticamente relacionado à representação e ao *status quo*, a diferença, no caso da sociedade informática, seria que isto se dá por meio de aparelhos e processos técnicos, "extrahumanos". Mas, para não se perder o rumo e o valioso exemplo da prostituição, cabe elaborar uma hipótese que resolva o problema da existência de representação "artificial"/"produzida"/"ficcional" e de sua subsequente consumação através do consumo de imagens — e a hipótese desdobra-se em questão dupla: seria o problema resolvido ao dizer que, dada a ubiquidade de aparelhos produtores de imagens, já não mais se representa defronte às câmeras? E ainda: seria tal afirmação possível?

[1] "As imagens tornam-se transparentes quando, despojadas de qualquer dramaturgia, coreografia e cenografia, de toda profundidade de hermenêutica, de todo sentido, tornam-se pornográficas, que é o contato imediato entre imagem e olho. As coisas tornam-se transparentes quando depõem sua singularidade e se expressam unicamente no preço" (HAN, 2017, p. 10).

[2] Aqui, ainda não no sentido pretendido por Flusser : "imaginar é fazer com que aparelhos munidos de teclas computem os elementos pontuais do universo para formarem imagens e destarte, permitirem que vivamos e ajamos concretamente em mundo tornado impalpável, inconcebível e inimaginável por abstração desvairada" (FLUSSER, 2010, p. 45).

livros I vinis
Joaquim
Livraria & Sebo
R. Alfredo Bufren, 51
Centro Curitiba-PR
info@joaquimlivraria.com.br fb.com/joaquimlivraria

GUSTAVOT DIAZ, "Táctil", 2019 |carvão e pastel sobre lixa usada de construção (12x12cm)

HEREDITARIEDADE

Mariana Cardoso

Minha tataravó fracassou.
Ainda que cheirasse a pitangas e vento
como nunca mais ninguém cheirou,
ainda que conhecesse uma infusão
para aplacar cada gemido,
ainda que regesse os elementos
com mãos de maestria kaxixó,
ainda que falasse a língua dos pássaros,
minha tataravó
não falava a língua (daqueles) homens,
não dizia sobre os campos: oh, Geraes,
não tinha alvura suficiente para ser
musa de poetas ou digna senhora
com quem se deita para fabricar
os varões herdeiros da terra.

Minha bisavó fracassou.
Ainda que crescesse brava
e enfuturecida,
ainda que aos treze já fosse
exímia tecelã na 104 Tecidos
(onde hoje funciona um cinema
que me alegra,
onde hoje vejo seu espírito
brincando na sala de projeção
o tempo da infância gorada,
onde hoje lhe peço, procurando colo,
"ei, Thereza, quero um filme de amor"),
minha bisavó
não foi cortejada —
mas ajudou os amantes,
não se sentou às mesas —
mas cozinhou os banquetes,
não vestiu as casimiras —
mas tocou os teares
quando deveria mesmo
era ter tocado o terror.

Minha avó fracassou.
Ainda que cantasse sobre o mar,
cotovia com o talento de uma
diplomata sem diploma,
ainda que bordasse em toalhas
as flores nunca reveladas dos
jardins da Babilônia,
minha avó
não perdeu o silêncio apavorado
dos anos de menina escondida
num balaio no prédio da imprensa,
rogando que não a descobrissem,
a filha da copeira carecida
de cujos peitos ainda jorrava leite,
a neta do homem que se aleijou
entre as máquinas
e foi chutado para o olho da rua.

Eu fracasso.
Ainda que carregue nos bolsos
turmalinas, ametistas, diamantes
lapidados nas horas mais lindas,
eu,
sucessora das derrotas
de minha mãe,
antecessora das derrotas
de minha filha,
não encontro senha,
não encontro emprego,
não encontro a História Oficial
me sorrindo na fila do SINE,
porque orgulhosamente rejeito,
porque não entoo os hinos,
porque escarro no chão
e escarneço
com meus ódios milenares
quando desfila na avenida
o cortejo dos vencedores.

O último tiro da Guanabara
Bruna Meneguetti
Ed. Reformatório

Um navio de guerra apontando os canhões para a praia de Copacabana enquanto pessoas estendem lençóis brancos dos prédios, pedindo paz; um presidente que durou apenas quatro dias no poder; uma articulação que poderia ter antecipado 1964. Todos esses episódios soam como inventados, mas são reais e estão presentes no romance histórico O último tiro da Guanabara, que conta como um vidente cego teria ajudado Juscelino Kubitschek a impedir um golpe orquestrado contra ele e seu vice, João Goulart. A obra, ganhadora do 1º Edital de Publicação de Livros da Secretaria de Cultura de SP, mescla ficção e fatos reais na década de 1950 do Rio de Janeiro.

www.brunameneguetti.com.br

O cio da terra

Mariana Cardoso

Minha avó orientava com muito pudor as meninas da família. Com uma mímica tímida sobre o vestido, dizia coisas assim: toda mulher, minhas filhas, tem uma flor, e essa flor não se pode colher; deve ser protegida, guardada, conservada ao abrigo da luz e do calor, dos olhos e dos homens, do falatório e da infâmia, a fim de não murchar. Ela ensaiava uma piscadela e esperava que a gente assimilasse que aquela era uma flor-não-flor, afinal, mocinha tem que entender tudo, tem que ser esperta, tem que estar à frente das arapucas da carne, tem que voltar com o pão quando marmanjo ainda tá indo com o trigo, mas eu ainda não fazia a menor ideia do que era uma analogia — por isso, pra mim, aquela era uma flor-flor-mesmo. Mais dia, menos dia, é claro, a ficha cai, e aí é só ligar A e B, somar 2 e 2, etcétera e tal. Mesmo assim, sabendo que a honra nossa não mora abaixo da cintura, sustentei o que a avó disse. Aliás, subverti só um cadinho, que mal tem?, e deixei de ver como erva daninha ou planta venenosa o que é canteiro do Éden, da Babilônia, de Versailles. Com um pouco de imaginação ao sul do corpo, pode-se adubar o solo, ensaiar semeaduras, estudar a folhagem. "Eu sou a mulher mais antiga do mundo", disse uma poeta, "plantada e fecundada no ventre escuro da terra". Flora e fauna são festa, e festa a gente cultiva mais do que poda. Minha avó não sabe, mas aquela foi a primeira das suas grandes lições de jardinagem.

GUSTAVOT DIAZ "Caixa de Pandora", 2019 | carvão e pastel sobre lixa d'água (21x29. cm)

ipêamarelo

Acredite nas palavras.

www.editoraipeamarelo.com.br

Asmaria

Juliana Cândido

Nasci a seco. Na verdade, nada pode provar que minha mãe não estivesse no perfeito funcionamento das lubrificações necessárias durante o parto. Mas tenho muita certeza de que, pela maneira como aprendi a crescer, o nascimento foi na secura.

Cresci em ambiente árido e há espanto hoje, quando de fora, digo que onde vivi havia tempestades de areia. Nos ventos de agosto, tudo ficava vermelho misturado com o turvo das fumaças. E há espanto hoje, quando de fora, digo que fumo.

Na infância toda, estive asfixiada pelo nariz, pela entrada dos pulmões, pela areia. Era recorrente a sensação da pele virar terra, começar a salpicar os grãos por onde eu fosse. Ia ficando um caminho vermelho por onde andava, tossia e parava de andar.

O quarto vivia com toalhas molhadas, bacias, baldes com água. Ouvia histórias de crianças com problemas respiratórios que morriam afogadas por causa das águas no quarto e eu nunca aprendi a nadar.
Sempre asfixiada no ar.

•

Este é o chapéu de vovô. Era usando este ou um muito parecido, que ele me levava todos os dias no lombo do cavalo até a fazenda mais próxima para que eu pudesse pegar a Kombi escolar da prefeitura. Branca, com uma faixa amarela, declarando a função grafada em preto alto.

O cavalo, Roxinho, era um pangaré que aguentou essa rotina, além da minha voz, meus passeios, meus primos. Pela minha voz, ele aguentou meus primeiros segredos. Foi pra ele que contei de medo, de saudade, de solidão. Sempre solidão.

•

Tempo atrás, li uma reportagem acerca das mortes silenciosas de homens que trabalham nessas fazendas ricas que têm silos de armazenamento de grãos. Eles vão caminhar sobre a soja e, sugados como líquido, se afogam, dragados.

•

Na época de Roxinho, eu ia para a escola que ficava no centro da corrutela. Escola Municipal Dico Franco, lembro. Como o povoado era pequeno, no recreio as crianças saíam para brincar soltas. Deixar criança solta era coisa daquele lugar.

Num desses recreios, fomos brincar num celeiro onde havia montes de milho que iam até o teto. Subimos um monte de milho e minha perna, com o tamanho que tem hoje meu braço, começou a ser engolida, quando o suficiente de perna entrou, os quadris mergulharam.

Quando tinha pouco peito na superfície, um braço puxou o meu. Fui sendo revelada até aparecer por todo, mas não completa. A sandália foi consumida pelo milho. Um tamanquinho que eu gostava de usar entortando o pé.

Eu usava qualquer calçado entortando o pé e qualquer calçado era meu tamanquinho, o único. Agora soterrado pelo milho. Imaginei o sapato virando fubá, pamonha, cuscuz. Voltei manca na Kombi, agarrando com os dedinhos o par que restou, solitário. Sempre solidão.

Não guardo a lembrança de como o problema do calçado foi resolvido. Sei que não voltei descalça para a escola. Nada faltava na completude lacunar da minha infância.

•

Quando vovô morreu, li atentamente seu atestado de óbito a caminho de alguma missão cartorial. Nome, estado civil… profissão: lavrador. É a profissão de todo homem do mato para que ele exista fora do mato, nos cartórios proteladores de luto, com profissão.
Sertanejo calejado, pouca posse. A maior era a chacrinha onde acabava a extensão informal da estrada. Depois da chacrinha, nem mais a informalidade era cabível. Nem o ar ventava no endereço do fim.
A fazenda vizinha onde eu pegava a Kombi, permite-se chamar fazenda. Era a casa de Verônica, a menina que me dava uma surra por dia, todos os dias

na hora da espera. A fazenda me impressionava porque tinha o gado todo branco, todo igual. Havia máquinas que tiravam leite. Cada tentáculo mamava de uma teta de cada vaca da fileira que deve ter sido organizada pela professora da escola. Havia lavoura de grãos, havia cilindros metálicos que eu imaginava prédios. Eles guardavam os grãos. A lavoura às vezes guardava vovô lá dentro, quando fazia algum trabalho.

•

Nos momentos de minha asfixia pelo ar, o nariz sangrava e avó conjurava com o sangue, xícara de porcelana e faca afiada, na porteira, algo que retirasse meu estrangulamento.

Um dia, com o som de meus pulmões afinando, lembrei da sandália. Conjurei algo e meses passaram chovendo sobre a lavoura da fazenda rica. Verônica tinha cabelos sempre úmidos e eu jamais poderia ficar molhada. Tudo que me tocava era seco e as águas no quarto eram distantes.

Sonhava com inundações, alagamentos, imaginava o mar. Ainda assim, nunca aprendi a nadar.

O cavalo Roxinho era vermelho e poderia perder-se camuflado nos levantamentos de terra seca.

Conjurando algo que me curasse, sob orientações de vovó, subi em um cupim de terra, gritando o que ela mandava ao céu.

Nada me melhorou: permaneci sofrendo espancamentos, afogando em sono.

Buscava na televisão inspiração para pesadelos. Ouvia buzina de navio, som de onda, gaivota, peixes que saíam do mar. Achava mentira o mar, não existia, era cenográfico.

Mudei-me para o litoral. Na praia, com os pés na água, sem saber nadar, uma onda abraçou minha perna, que tem hoje o tamanho do monte de milho que ia até o teto. Quando já salgada a perna, outra onda assaltou os quadris.

Já havia pouco pescoço além da superfície incansável, ininterrupta. Algum braço puxou o meu e voltei para areia, molhada, em asfixia.

Habitando a umidade, jamais aprenderei a nadar.

CASA
5 anos!

• Agenciamento Literário
• Leitura Crítica de Originais
• Assessoria de Imprensa para Lançamentos de Livros

casaprojetosliterarios.com.br
@casaprojetosliterarios

O corpo singular na poesia de Lilian Sais

Filipe De Gaspari

Uma das virtudes da poesia erótica de Lilian Sais é não considerar as experiências do corpo como fonte necessária de libertação. Evitando cair na vala comum dos modismos falsamente libertários, Sais denuncia o desejo como "vício", como "dor", como fonte ininterrupta de "angústia". Encontramos uma síntese dessa visão de mundo no poema "fluxo", presente na obra *Acúmulo* (Ed. Patuá 2018):

de realidade nítida
há dias não acordo
tampouco durmo,
apenas observo:
há em mim alguma coisa
sem nome e excessiva
que torna a existência
impraticável, tanto pior
às duas da tarde
quando de fato são
duas da tarde
e a lucidez é tamanha
que desejar é a borda
do abismo, e sangra.

Com consciência, em *Acúmulo*, o corpo é visto, a um só tempo, como "casa" e "prisão" ("paredes da casa que habito sem quitar [pele]"). No seu erotismo, o eu-lírico de Sais não está imune à dor e ao sofrimento. Ao contrário: Sais usa da ironia como arma na linha de enfrentamento das farpas e dos dilemas ligados à sexualidade e ao afeto ("coca zero, café amargo, e um vibrador em duas rotações, que é melhor"). É justamente a consciência do desejo como vício que confere matizes singulares aos poemas de *Acúmulo*. No poema "kintsugi", por exemplo, o corpo é retratado como esboço do "tempo" e do "afeto" ("na cicatriz da testa a criança levada"); o corpo espelha as marcas do prazer, assim como do "desespero" e da "dor" ("cigarro apagado"). "Não há nudez incólume", sintetiza o eu-lírico de *Acúmulo*.

No quarto capítulo do livro, "homem-clichê", o eu poético volta-se ao tema da sexualidade de forma direta, sem se valer, no entanto, de platitudes relacionadas ao assunto. O eu poético de Lilian não é vítima da "masculinidade". Na verdade, o que rejeita nesse conceito é o que lhe afeta como ser desejante. Paradoxalmente, é por ser tão particular (atrelada às suas experiências pessoais) que a denúncia das características ligadas à "masculinidade" revela-se de interesse universal dos leitores de sua poesia.

O poema "manual pornodidático para homens" — ponto alto, a meu ver, da quarta seção do livro — não é, de modo algum, arrogante. A constatação do "jeito errado" de "foder" dos "meninos" diz mais do eu poético de Lilian e dos seus desejos "excessivos" de ser erótico do que propriamente do "jeito errado de foder dos meninos". O eu poético não está preocupado com nenhuma causa maior. Está, isto sim, preocupado com o seu próprio prazer. Como poeta, Lilian Sais acaba propondo um interessante "manual de si" e não uma cartilha necessariamente válida para todas e todos. Façamos uma leitura do poema que abre a série "manual pornodidático para homens":

raros são aqueles
que me beijam a sombra
entre as coxas:
pra maior parte sou apenas
buraco penetrável,
boca, cu e cona,
chegam logo me enfiando a rola
em dez minutinhos
de estocada frouxa
e está acabado:
meus caracóis ainda secos
e o macho já vira de lado.

Esse olhar irônico cortante presente em Acúmulo, voltado tanto para o mundo exterior quanto para o mundo interior — que acusa os homens, mas cujos efeitos também são sentidos na pele do eu-lírico de Lilian Sais — é o pressuposto elementar para que os leitores se incomodem, numa dimensão verdadeiramente erótica, com a voz poética presente no livro. E os maiores poemas são justamente esses que incomodam e deleitam indistintamente, que surpreendem por não proporem soluções fáceis para os tormentos — isto é, apenas externas ao corpo desejante.

Incômodas, maravilhosamente incômodas, as brincadeiras que o eu-lírico de Lilian Sais faz com os leitores propõem-se, igualmente, como jogo erótico. A sua poesia quer incluir o leitor nesse mundo de doloroso erotismo, de invulgar erotismo, de erótica melancolia. Erótica melancolia, que pode soar como redundância — e é uma redundância, se considerarmos uma refinada visão do erótico, incapaz de excluir a dor do gozo e o desejo da irrealização. Porque o leitor de poesia erótica não é apenas um voyeur, como uma leitura simplória do erótico poderia supor. A poesia erótica é sempre um convite à participação ativa no gozo e na dor que a força poética é capaz de inspirar.

A possibilidade da morte, da destruição e dos horrores do corpo também são marcas da poesia erótica de Lilian Sais. E não existe arte verdadeiramente erótica que prescinda dessa relação intrínseca com a morte, com a destruição e com os horrores do corpo. Quem não conhece a dor não conhece o erótico. Quem não conhece a possibilidade do mal não conhece o erótico. Quem não convive com a morte não conhece o erótico.

O erótico é avesso a soluções libertárias. Sua libertação é estética e não ética, de direitos ou moral. Ninguém tem direito ao gozo, da

mesma forma que ninguém tem direito à dor. A poesia erótica é o grito contrário às construções éticas, às formulações guiadas pela delicadeza cotidiana, é o vômito no chá da tarde dos que discutem com modos, é o sangue jorrando do pescoço do poeta que decide matar-se prazerosamente com uma navalha em frente ao espelho. Os outros contemplam, contemplam, esperam e seguem conversando, muitas vezes indiferentes. **[1]**

E que consciência da morte tem o eu-lírico de Sais, que harmonia sutil entre destruição e potência **[2]**, entre desistência e perseverança; que consciência da destruição capaz de causar a si mesmo — que consciência ampla da finitude ("palavra navalha, ferida crua: seriam minhas essas mãos que me saem dos braços, que pendem feito pêndulo de temporizador de mortalha?" e "naquela manhã, morri (...) decerto também morte mais natural não há — e torpe, exatamente como nós").

Na plaquete de poemas *Passo Imóvel* (Ed. Cozinha Experimental, 2018), encontramos claramente uma tensão entre aspiração e fatalismo — o que marca, com a força de evidência, o conteúdo do próprio título: "Passo Imóvel". Nesse sentido, o eu-lírico afirma que "não é sina pouca percorrer no futuro passos passados". As referências à morte também estão presentes na obra ("bebo uma taça de vinho, profundamente, e meu olhar agravado denuncia: esse inventário não está completo"). Não apenas em *Acúmulo*, o corpo e o tempo são prisão e impedimento para o espírito em muitos dos melhores poemas:

três da madrugada
amplia tudo
conheço de cor
o silêncio
palavras batem
no fígado
e estouram no céu
da boca,
mas não ultrapassam
a barreira
dos dentes
cerrados.
como larvas,
sambam sobre tumba
pretérita.
bebo uma taça
de vinho,
profundamente,
e meu olhar agravado
denuncia:
esse inventário
não está
completo **[3]**

Mas existe também a possibilidade do belo em tudo isso – do esteticamente elevado. Mas existe também a possibilidade do belo justamente por isso: é apenas nesse caminho forrado de pedregulhos ásperos em direção à morte e à destruição – a morte e a destruição tão caras à lírica de Lilian Sais — que se entrevê o belo surgir "por meio" do sofrimento, e não "em meio" ao sofrimento. O belo somente é genuíno quando originado da dor. O corpo e o tempo, razões para o martírio, por assim dizer, são os catalisadores da poesia — apenas eles são os veículos capazes de abrir espaço para a criação.

Mesmo quando ofende o mundo ao seu redor, o bom poeta é capaz de construir belezas, de abrir espaço para o encantamento. E o eu-lírico de Lilian Sais faz exatamente isso. Em face desse horizonte difícil e conflitivo, dessa contradição entre as dores que sente e as belezas que é capaz de construir por meio da linguagem, Lilian Sais erige a sua poesia. Vamos com o exemplo deste belo poema (o meu favorito de *Acúmulo*):

certo nada descobrirá
vagando por ruas sem fim
a sombra do que fui
indagando por mim
como decerto estou viva,
enquanto viver é coisa
diversa, outra qualidade
de existência,
como a tua, que da janela
vê beleza soalheira,
enquanto a mim de sol
só resta assoalho e anuvio.
é certo, dizemos estorvo
a quem ultrapassa os dias
tecendo fio a fio
a própria mortalha,
apenas te digo,
também dizemos estorvo
ao nó que prende o anzol
ou que auxilia na condução
das redes à praia.
não fosse a boa memória
não acreditaria em felicidade,
mas não merece respeito
o incauto que acredita
que seja são paulo carente de mar.

O último capítulo de *Acúmulo* é marcado por uma profunda melancolia. Com o título "Minhas duas mãos quebradas" (inspirado em verso do poema "Canção", de Cecília Meireles), o eu poético de Lilian despede-se do leitor com um ar sofrido e resignado: o eu-lírico foi vítima de todos os fracassos ("Dos fracassos, acumulei todos"). O pouco que há de bom e alegre no mundo transformou-se em lembrança. Não é à toa que a última alusão do eu poético de Lilian, no poema que encerra o livro, seja à infância ("desisti de tudo, salvo da saudade: quando sucumbi soletrei infância em maiúscula").

Esse último capítulo, ápice poético de *Acúmulo,* transborda a honestidade e a grandiosidade da poesia de Lilian Sais. Seus versos confundem-se com o próprio mar a que Cecília Meireles faz referência no poema que serviu a Lilian Sais de inspiração para o último capítulo. E transborda, antes de tudo, humildade do corpo diante desse mundo difícil e que não pode ser explicado e compreendido em sua totalidade pela razão. Por meio dos poemas de Lilian Sais, somos lembrados de que, intransponível, "o acúmulo de lutos & vícios" não traz "saúde mas humildade".

[1] Possivelmente faço ecoar — embora não intencionalmente — algumas leituras de Bataille aqui. Conquanto não pretenda ser fiel necessariamente ao pensamento desse autor, devo revelar que ele é um dos meus faróis intelectuais ao pensar o tema do erotismo. Ressalvadas as diferenças de pensamento entre todos estes autores, minhas leituras assistemáticas de Sade, Baudelaire, Lautréamont e Verlaine também devem ter impactado a minha forma de ver o erotismo na literatura.

[2] Recomendo o conjunto de poemas de Lilian Sais agrupados sob o nome "corpo, ou poemas para se escrever com tendinite". Em especial, o número I. Acesso em www.germinaliteratura.com.br/2018/lilian_sais.htm.

[3] www.poesiaprimata.com/lilian-sais/lilian-sais-passo-imovel-2018/. Acesso em 21 fev 2020.

Pontes

Livraria Pontes

Rua Dr. Quirino, 1223, Centro
Campinas-SP

www.ponteseditores.com.br

Eliane Potiguara

(Azougue Editorial, Coleção Tembetá, 2019)

Em 1986, o Grumin surgiu em uma assembleia na área indígena potiguara, na Paraíba. Após vários debates locais, cursos de capacitação, Seminário Nacional e Conferências Internacionais que realizamos, chegou-se à crítica conclusão de que não existem estudos, cifras, estatísticas que documentem as maneiras como as mulheres indígenas estão sendo ameaçadas e violadas em seus Direitos Humanos, e a maneira pela qual elas podem estar se extinguindo devido à mortalidade materna, à mortalidade por violência física, por migração de suas terras indígenas e por conflitos culturais que ameaçam suas vidas, suas famílias e o direito ao território indígena e à sua cosmovisão. Há dez anos, quando o Grumin levantava a bandeira contra a invisibilidade da mulher indígena, a antropologia, a Igreja, as ONGs e o Estado conservadores nos olhavam como inconsequentes por falar em saúde e direitos reprodutivos. Acreditavam que esse assunto era alheio à cultura indígena e influenciado pelo movimento feminista!

Nós sentíamos os olhares questionadores quando distribuíamos o polêmico *Jornal do Grumin*, em um encontro sobre hidrelétricas, em Altamira, Pará. Lembro que um líder indígena nos mandou ir pra cozinha ou ficar fora das assembleias segurando os filhos no colo, inclusive o dele! Mas a guerreira Tuíra mostrou o facão para um empresário, dono da hidrelétrica que ameaçava a vida dos kaiapós do Pará. Acredito que aí se abriu uma brecha para a mulher indígena, embora ainda hoje tenhamos que pressionar para que as políticas públicas incluam a questão de gênero.

GUSTAVOT DIAZ | "Escárnio", 2019 | carvão e pastel sobre lixa usada de construção (11x11cm)